

Apresentação

Este relatório de atividades é referente à continuação das pesquisas pertinentes ao levantamento preliminar da forma de expressão CARIMBÓ, para instrução do processo de registro dessa manifestação cultural como patrimônio cultural brasileiro, com inventário nos Municípios que compõe a Mesorregião Metropolitana de Belém: Ananindeua, Barcarena, Belém, Benevides, Bujarú, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara, Santa Izabel do Pará, Santo Antônio do Pará e Inhangapi.

Por se tratar do mesmo objeto de pesquisa, este relatório fará uso de parte do texto de apresentação sobre o bem cultural carimbó elaborado para a microrregião do Salgado Paraense.

Sobre o bem cultural

O carimbó, manifestação que compreende todo um complexo lúdico de práticas, sociabilidades, esteticidades e performances, emblemática e iconograficamente associado à cultura do Estado do Pará, pode ser observado e verificado tanto por meio dos discursos e vivências de muitos sujeitos e coletividades envolvidos com esta respectiva manifestação (no caso deste levantamento preliminar, através dos atores com os quais a equipe de pesquisa teve contato), quanto através das retóricas presentes nas várias produções bibliográficas sobre o tema. Nestas últimas, assim como em muitos daqueles primeiros, têm-se apresentado o carimbó enquanto uma *invenção* dos negros escravos que habitavam esta parte da Amazônia, no século XVII.

De acordo com tais produções, afirma-se que houve uma junção do ritmo/dança com elementos da cultura indígena e européia, o que teria dado origem a uma manifestação singular, representado hoje pelos grupos que se espalham como miríades por vários municípios do Estado do Pará, sobretudo, os localizados na Microrregião do Salgado Paraense.

Encontra-se em Salles, um dos folcloristas mais respeitados da região, a definição do carimbó como uma “síntese das folganças caboclas” (ou formas de lazer popular), e este caboclo se consolida como representante de uma identidade paraense, uma mistura do negro, do índio e do europeu (SALLES, 1969).

Ademais da reprodução do que poderíamos reconhecer como mais um dos discursos marcados pela “fábula das três raças”, que escamotearia por meio de uma retórica *integradora* os não raros conflitos e negociações de natureza étnico-raciais existentes neste universo, pode-se considerar que o carimbó, enquanto *gênero* musical, possui ritmo e composição instrumental marcadamente percussivo, entremeado pelos fraseados frenéticos e incidentais dos instrumentos de sopro; devidamente harmonizado pelas cordas do banjo. Tal composição é recorrente, com algumas variações, em todos os grupos e canções identificados, incluindo as diferentes localidades. Apesar de que são freqüentes os discursos, por parte dos entrevistados, que procuram enfatizar uma suposta exclusividade *estilística*. Geralmente, são utilizados carimbós (tambores feitos do tronco de árvores escavadas, tendo uma de suas extremidades coberta por couro de boi, veado ou outro animal específico, também conhecido como curimbó), um par de maracas, milheiro (instrumento de zinco, com som agudo similar ao da maraca), a onça (instrumento que produz um som grave com formato de cuíca), um pandeiro, um banjo e um instrumento de sopro (podendo ser flauta, clarinete, saxofone ou, excepcionalmente, trombone). A disposição dos músicos é feita a partir dos carimbós, onde dois ou três “batedores” sentam em cima dos mesmos, tocando com as duas mãos. Os temas (letras) das canções, em geral, são alusivas a elementos da fauna e da flora da região, bem como do dia-a-dia do trabalho e demais sociabilidades cotidianas, sendo que, majoritariamente, os compositores, cantadores e tocadores são agricultores e/ou pescadores. Neste entrementes, a oralidade vai marcar, significativamente, a reprodução dos conhecimentos e saberes relacionados a esta manifestação.

A dança possui dinâmica impulsionada pelo *baque* dos tambores, com passos “miúdos” feitos pelos dançantes, que giram ciclicamente no formato *dança de roda*, sem contato físico direto entre o cavalheiro e a dama, no terreiro ou no salão.

O carimbó acontecia num período específico do ano, no ciclo natalino, e marcava a passagem do ano, dentro da celebração de São Benedito. Como extensão do “tempo de carimbó”, ou como sinalização do ciclo carnavalesco, também era tocado em janeiro na época do plantio. Em alguns municípios, o carimbó era dançado para festejar outros santos dentro do ciclo do natal, como Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião, no final do mês de janeiro. Em muitas localidades, o carimbó continua fazendo parte dos rituais religiosos em louvação de São Benedito e outros santos.

Durante os demais dias do ano, o carimbó, como elemento estético e ritual de socialização, era tocado em festas menores, como aniversários, em bares, em casa e

como confraternização de final de semana. O entrudo deixou de existir, mas o hábito de tocar carimbó com os amigos permaneceu. Segundo diversos tocadores, todos se envolviam, todos tocavam e cantavam. Os tocadores contam que “antigamente” o carimbó era “festa de preto”, que acontecia nos bairros periféricos, e sofria coação da polícia. Em diversos municípios da zona do Salgado, a comunidade do carimbó afirma que existe um lugarejo local historicamente ocupado por uma população “quilombola” que deu “origem” ao carimbó. Em Marapanim (Maranhãozinho, antigo Santo Antônio), em Vigia (povoado do engenho do Tauapará), em Curuçá (bairro Alto) e em Maracanã (Martins Pinheiro).

A partir de meados do século XX os grupos de tocadores, até então referidos como “carimbó do nego Uróia”, “carimbo da Tia Pê”, dentre outros, começaram a tocar ao vivo em programas de rádio de Belém e a participar de festivais de música. Nesse ínterim, os grupos passaram a adotar nomes específicos, tais como Canarinhos, Bico de Arara, Paramaú etc. Nesse período se começa a fazer carimbó para apresentações com uma divisão bem delimitada entre público e artistas e com performance para o espetáculo. Os primeiros discos são gravados e o carimbó entra no circuito do mercado cultural. Até então, alguns grupos já recebiam cachê para tocar nas festas, mas é a partir desse momento, que se inicia uma “profissionalização” dos tocadores.

Ao longo de sua história o carimbó foi reinventado e ressignificado por atores sociais os mais distintos, sua comunidade, outros artistas, produtores, jornalistas, intelectuais e acadêmicos especialistas. As elaborações sobre o que é o carimbó, o que ele simboliza, a preocupação com sua “origem” e, mais especificamente a sua condição de “símbolo identitário” de um povo, neste caso o paraense, conformaram diversos “modo de ver” a manifestação. Houve também a nomeação de “mestres” e “reis” a integrantes da manifestação, feitas por diferentes setores da sociedade, mídia ou academia. Na década de 60, pesquisadores e artistas se envolveram em projetos de divulgação nacional da manifestação, como gênero de música e dança, em instância nacional, com a promoção de circuitos de shows para os conjuntos de carimbó.

Mais recentemente, a noção de carimbó como “identidade” foi destacada por um movimento de grupos de carimbó, intelectuais e artistas paraenses, em torno de um projeto de reconhecimento oficial da manifestação pelo estado. Trata-se da campanha “Carimbó: Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”, que tem alcançado um grande número de adeptos entre os grupos de carimbó e apreciadores do ritmo no Pará. O projeto está concatenado com um movimento internacional de valorização do

patrimônio imaterial. No caso da manifestação do carimbó, as noções de identidade e de patrimônio estão associadas tanto à “identidade paraense” quanto à “identidade brasileira”, ou seja, há uma dimensão cívica como referência cultural, ajustada em torno do estado nacional.

Assim, podemos vislumbrar que a trajetória do sentido da arte do carimbó para os seus participantes pode ser visualizada através de três símbolos: o cortejo, o palco e o museu. Um dia o carimbó fez parte do rito agrícola e do rito religioso (como em muitos lugares ainda é tocado nas festividades sagradas), posteriormente entrou em cena na sociedade do espetáculo, e atualmente está em processo de “legitimação” como patrimônio cultural. Esses três campos de atuação do carimbó não são estanques, eles dialogam como possibilidades de vivências e significações dessa prática para a “comunidade” do carimbó, que parece cada dia mais aumentar.

Sobre o sítio

A mesorregião Metropolitana de Belém é uma das seis mesorregiões do Estado do Pará. Situa-se entre os paralelos 1°05'53" a 1°34'39" de latitude Sul e entre os meridianos de 48°38'18 a 47°51'11 de longitude Oeste aproximadamente. Seu território abrange onze municípios agrupados em duas microrregiões: Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Barcarena e Santa Bárbara do Pará) e Castanhal (Castanhal, Bujaru Inhangapi, Santa Izabel do Pará e Santo Antonio do Tauá). Possui uma área de 3.760,731km² onde residem 2.428.391 habitantes (IBGE, estimativa 2006). É uma das regiões amazônicas mais povoadas, com densidade demográfica de 300,57 hab/km².

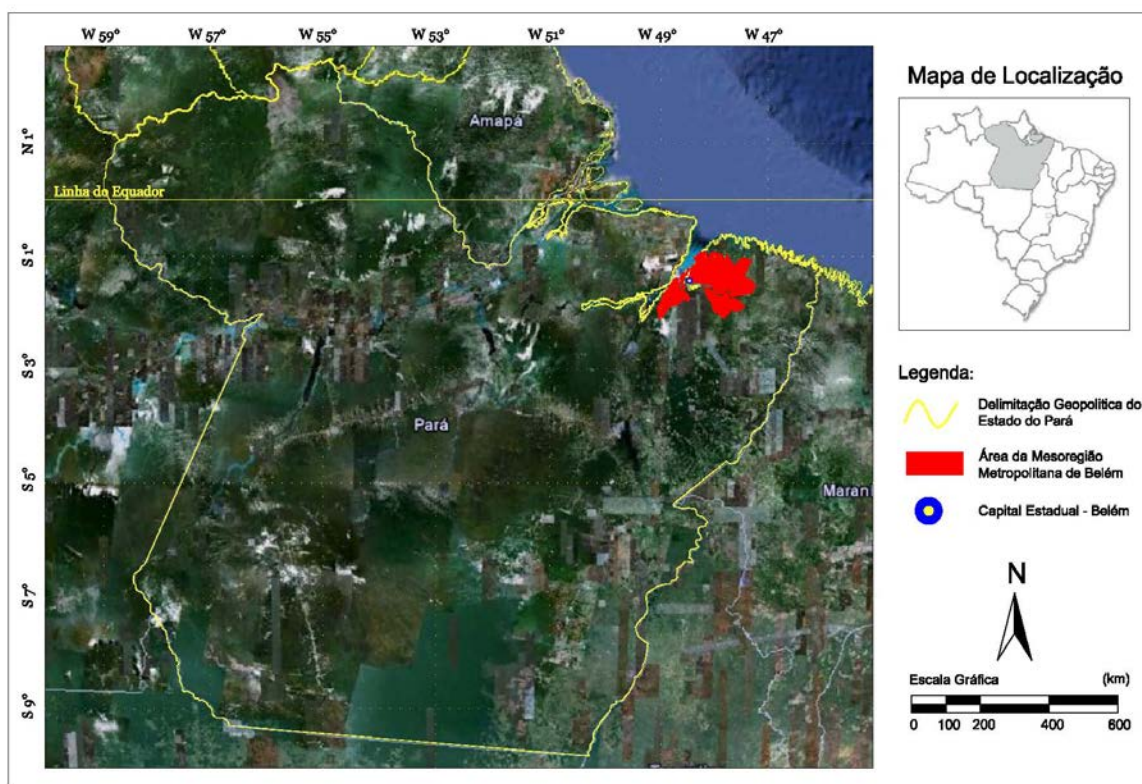
O acesso aos Municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém é todo feito por estradas a partir da BR-316. Alguns Municípios possuem pistas de pouso para aeronaves de pequeno porte, porém não há linha aérea regular comercial para estes Municípios. Para todos os Municípios há linhas regulares de transporte rodoviário comercial partindo-se de Belém, além de vans e micro-ônibus.

Por ser a área onde está localizada a capital do Estado, há uma configuração territorial bastante diversa que envolve os segmentos da economia, da política e da cultura em relação aos demais Municípios que a compõe. Desta forma, é possível distinguir uma paisagem com uma complexidade urbana como no caso a paisagem da

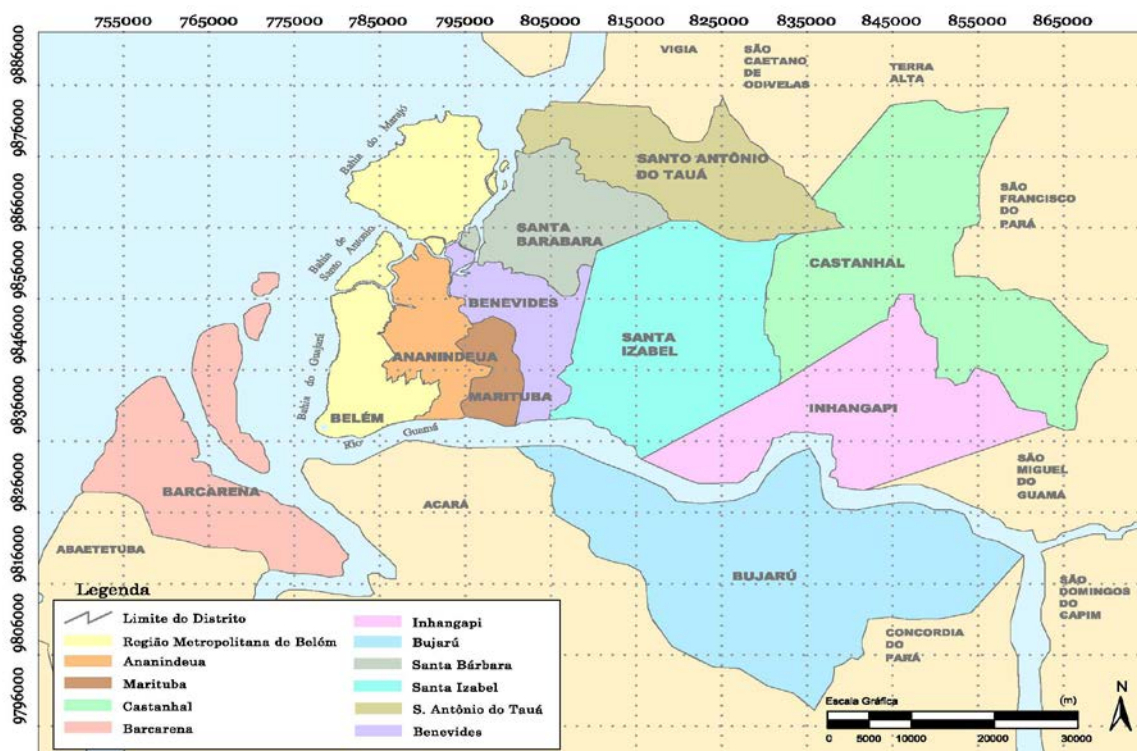
capital do Estado e seus arredores e outra paisagem rural onde o tempo é regido pelas lavouras e colheitas de produtos agrícolas. Assim, esta mesorregião constitui uma possibilidade de compreensão da manifestação cultural carimbó em uma área de transição entre o meio urbano e rural de forma que se possa montar parâmetros de análise da diversidade que compõe tal manifestação nestes meios.

Em uma área tão extensa como a da mesorregião Metropolitana de Belém, as duas paisagens observáveis são vivenciadas de diferentes maneiras por seus habitantes. Nas áreas mais afastadas da capital do Estado, prevalece ainda uma paisagem natural mais proeminente de características mais voltadas ao ruralismo com a existência de imensas terras de pastagens, criadouros, plantações, rios e igarapés. A maioria dos Municípios desta região localiza-se às margens da BR-316, rodovia que liga a capital do Estado ao resto do país. Já nos principais Municípios que compõem a mesorregião (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Barcarena), no que confere às suas áreas territoriais, observa-se a predominância de uma paisagem urbanizada quase que totalmente modificada. Neste sentido, os problemas decorrentes destas modificações como poluição, engarrafamentos, alagamentos, violência, dentre outros são constantes.

A área da mesorregião Metropolitana de Belém é quase que totalmente entrecortadas por rios e igarapés, muitos deles já poluídos ou soterrados como os de algumas cidades-sede de Município, outros em processo de assoreamento por conta do desmatamento de suas margens, e nos mais afastados dos centros urbanos ainda é possível encontrar cursos d'água relativamente preservados. Esta área é a mais afetada pelos efeitos do crescimento das cidades e do modo de vida urbano, por isso, tem-se uma gradativa e constante mudança da paisagem natural dos lugares em função da necessidade de expansão de áreas próprias à construção civil como habitações, asfaltamentos, calçamentos, dentre outros. Soma-se a isso, o aumento da especulação imobiliária que acaba por aumentar a ocupação de áreas impróprias para habitação como as beiradas dos rios e igarapés com a implantação de palafitas e demais construção de edificações que não obedecem nenhum critério de ordenamento estrutural e paisagístico. No entanto, há de se considerar que, mesmo com o processo desenfreado de degradação ambiental na área, existem poucos, mais importantes lugares, usados para o lazer e prática ambiental para os habitantes de cada município.



Mapa 1 – Mapa de localização da Mesorregião Metropolitana de Belém no Estado do Pará.
Adaptação: Isis Ribeiro



Mapa 2 – Mapa de localização dos Municípios que compõem a Mesorregião Metropolitana de Belém.
Adaptação: Isis Ribeiro

A história da Mesoregião Metropolitana de Belém, assim como a de todo o Pará, está vinculada às expedições européias portuguesas do século XVII e XVIII, que tinham por objetivo conquistar o território e expandi-lo, além de expulsar franceses, ingleses e holandeses. Com essa finalidade a cidade de Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará foi fundada no dia 12 de janeiro de 1616, pelo português Francisco Caldeira Castelo Branco e seu grupo militar, em 25 de dezembro de 1615. A fundação de Belém na embocadura do Amazonas, permitindo aos portugueses o efetivo controle da navegação fluvial que comunicava o rio-mar ao Oceano Atlântico, foi o primeiro passo importante para as ações dos portugueses na região. Em termos geopolíticos e militares, a fundação de Belém, às margens da Baía do Guarujá fora a decisão acertada dos conquistadores lusos (BEZERRA NETO, 2001). O projeto político português do século XVII propunha a expansão do território através da colonização sistemática da região e da população da Amazônia, para se demarcar, de forma definitiva, os limites que separavam os territórios coloniais. Esse projeto era assentado em um sistema de práticas mercantilistas, na exploração das “drogas do sertão”, e tinha como mão-de-obra a população indígena destribalizada e aldeada sob os cuidados das ordens religiosas, especialmente a Companhia de Jesus. Foi assim que todo o imenso território que forma o Pará foi sendo colonizado pelos portugueses.

Na primeira metade do século XIX, a consequência desta colonização portuguesa baseada na exploração da população veio à tona, o que nos é claro através das lutas pela adesão do Pará à independência do Brasil e pelo movimento Cabano. Durante todo esses conflitos as lideranças políticas abastadas lutaram pelo poder na região, sem em nenhum momento proporem uma mudança na estrutura social da Província, porém a população cabocla, tapuia, índia, negra e mestiça participou do movimento buscando essa mudança estrutural, pegando em armas e ameaçando a ordem social dos ricos proprietários de terras e escravos.

Se a primeira metade do século XIX foi um período conturbado na história do Pará, de lutas da elite pelo poder político da Província e de rebeliões populares por uma vida melhor, a segunda metade do século XIX foi de *boom*, de esplendor e riqueza, ao menos para os novos ricos, a elite que enriqueceu com o comércio da borracha. Em meados do século XIX, a borracha vinha se firmando como líder entre os produtos amazônicos de exportação, porém a elite tradicional rejeitava o novo fenômeno econômico devido o produto não beneficiá-la, pois a sua produção era ligada a

exportação de alimentos e não ao extrativismo vegetal (coleta da borracha). Quem se beneficiava com a coleta da borracha eram os pequenos produtores que gozavam de uma relativa autonomia e os comerciantes mercantis, com grande destaque para os portugueses que residiam no Pará. Era, então, uma nova elite que estava nascendo, a elite mercantil, que representava uma ameaça a ordem rural tradicional. Ou seja, nas primeiras décadas (1850, 1860 e até meados de 1870) o negócio da borracha representava uma ameaça a elite econômica proprietária de terra no Pará, porém a posição política desta elite continuava inabalável.

É durante o alge da borracha no mercado internacional que tem início, no Pará, o processo de expansão territorial da região no entorno de Belém, em direção ao nordeste paraense, com a construção da Estrada de Ferro de Bragança.

O primeiro trilho da Estrada de ferro foi assentado no dia 24 de junho de 1883 em São Bráz. A construção da ferrovia foi concluída no dia 04 de maio de 1908, quando a locomotiva percorreu os 229 quilômetros de extensão da linha e a empresa responsável foi extinta em 1965, depois de 82 anos de existência. Quando a construção começou governava a Província do Pará o Barão de Maracajú que presidiu, a lado do bispo D. Macedo Costa, a solenidade do assentamento do primeiro trilho. O primeiro governador reeleito do Estado do Pará, Augusto Montenegro, comandou a inauguração do trecho final da obra no dia 04 de maio de 1908 (CRUZ, 1973).

A finalidade inicial da construção da Estrada de Ferro de Bragança era incrementar a colonização agrícola, que aconteceria com a vinda de colonos açorianos e espanhóis para trabalhar ao longo de seu percurso (CARNEIRO, 2007), uma vez que a capital do Estado sofria com a crise de abastecimento alimentar, pois a mão-de-obra evadia-se, cada vez mais, para trabalhar na colheita da borracha. (WEISTEIN, 1993).

O plano de colonização dirigida não obteve sucesso, mas com a implantação da Estrada, nos locais de parada do trem, nas estações ferroviárias, vimos nascer Vilas que posteriormente se transformaram em cidades. É o caso de Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Izabel do Pará, São Francisco do Pará, Igarapé-Açú, Nova Timboteua, Peixe boi, Capanema e Tracuateua.

A bibliografia sobre a construção da Estrada de Ferro de Bragança e as tentativas de colonização dirigida desse território é escassa. Quem melhor nos conta sobre esse processo é o poeta e romancista Bruno de Menezes, que se envolveu em causas agrícolas no Pará. Em 1930, baseado em sua experiência, escreveu o romance Candunga, que o próprio apresentou como uma obra ficcional que não era de todo

ficção, pois o literato participou de comissões para serviços no setor de imigração, no tempo em que levas de nordestinos migraram para a Amazônia, cumprindo as determinações do governo interventorial. Era o período do primeiro governo de Vargas (1930-1945), quando os Estados da nação eram governados por interventores.

Na leitura do livro as condições da colonização às margens da Estrada de Ferro de Bragança são mostradas como irregulares e desumanas, sendo os nordestinos transportados em péssimas condições, jogados à própria sorte – sem nenhum apoio estatal, e enganados pelos comerciantes locais, que eram responsáveis pelo abastecimento, mas que utilizavam do analfabetismo do imigrante e da sua necessidade emergencial por um mínimo de estrutura (roupa, comida, remédio) enganando-o com o sistema de aviamento, prática que ficou conhecida na região com o comércio da borracha.

Objetivos

O presente texto tem por objetivo prestar informações sobre o trabalho de pesquisa do INRC/Carimbó na Mesorregião Metropolitana de Belém, bem como expor os resultados das ações desenvolvidas em campo pela equipe contratada.

As viagens de campo foram realizadas com o objetivo de mapeamento e coleta de informações preliminares sobre o carimbó e seus bens culturais associados na área que compõe a Mesorregião Metropolitana de Belém: Ananindeua, Barcarena, Belém, Benevides, Bujaru, Castanhal, Marituba, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará, Santo Antonio do Tauá e Inhangapi.

Metodologia

Tendo por diretriz o Manual de Aplicação do INRC, o trabalho foi realizado tendo como princípio básico o contato direto com os membros das comunidades visitadas a partir de entrevistas e registros em áudio-visual.

O trabalho de campo fundamentou-se na pesquisa de fontes orais utilizando o método de entrevistas sobre a história de vida da população que vivencia o carimbó e sua memória. A coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas que, no

entanto, por estarem metodologicamente atreladas à história de vida, abriram espaço para inserções temáticas por parte dos entrevistados.

Como critério de análise e categorização dos bens culturais identificados foram priorizadas a visão dos membros das comunidades e suas próprias formas de análise, na medida em que foi possível apreender tais sistemas. Tal critério analítico tem como fundamento a valorização do conhecimento tradicional em torno do bem cultural pesquisado.

Todas as viagens a campo tiveram por critério a elaboração de pequenos roteiros com informações gerais sobre os Municípios, assim como sobre o bem cultural pesquisado. As informações complementares que surgiam em campo através das pessoas encarregadas de recepcionar a equipe (membros ou não das prefeituras municipais locais) foram de importância substancial no que se refere ao melhor aproveitamento do tempo em virtude dos deslocamentos internos.

Entrevistas

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro que, no entanto, foi caracterizado por uma flexibilidade em função da história de vida dos indivíduos entrevistados. Neste sentido, foram realizados por telefone contatos prévios e agendamentos de entrevistas com membros de grupos de carimbó dos Municípios pesquisados. No caso de Belém, os contatos e entrevistas foram também realizados ao longo de todos os meses de pesquisa de campo por ser o local de residência dos pesquisadores contratados o que possibilitou um trabalho contínuo de coleta de informações (ver anexo da relação de entrevistas realizadas).

I – ATIVIDADES PRÉ-CAMPO

1. Formação de equipe

Os critérios para a composição da equipe foram definidos pelo projeto básico anexo no edital publicado pelo IPHAN para este projeto de pesquisa respeitando os critérios mínimos exigidos para a contratação de pessoal. Assim, após a definição do coordenador, partiu-se à seleção dos demais pesquisadores que fariam a composição final da equipe definida conforme o quadro a seguir:

NOME / FUNÇÃO	FORMAÇÃO / ÁREA DE ATUAÇÃO	GRAU DE QUALIFICAÇÃO
Edgar Monteiro Chagas Junior / Coordenador	Geógrafo / Atuação na área de Geografia Cultural e experiência em documentação e pesquisa sobre patrimônio imaterial	Bacharel e licenciado pleno em Geografia / Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFGA)
Marta Georgea de Souza Santos / Pesquisador – documentação inventário	Antropologia / Formação acadêmica voltada para metodologia de pesquisa cultural de gêneros musicais populares	Graduada em Educação Artística, com Habilitação em Música, e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará
Andrey Faro de Lima / Pesquisador – documentação inventário	Ciências Sociais / Experiência na área de Antropologia, atuando principalmente, nos seguintes temas: Antropologia Urbana; Patrimônio Cultural; Música, Cultura e Sociedade na Amazônia	Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2005) e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-Antropologia da UFGA. Atualmente (2009) é doutorando pelo mesmo programa. Amazônia.
Maira Oliveira Maia / Pesquisador – documentação inventário	Historiadora / Experiência na área de Literatura e Política	Bacharel e Licenciada plena em História / Especialista em História Social da Amazônia e Mestra em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará – UFGA

1.2. Familiarização com os instrumentos metodológicos

Sendo a equipe a mesma que vem realizando os levantamentos anteriores sobre este bem cultural, o estudo e familiarização com os instrumentos metodológicos ficaram condicionados a leitura de textos sobre patrimônio imaterial ainda não explorados, bem como aos temas que se referem à política de salvaguarda que envolve a continuidade deste tipo de trabalho e informações gerais sobre os municípios a serem visitados. Foram feitas reuniões com os membros da equipe para, em conjunto, elaborar as estratégias, o planejamento e o calendário das viagens de campo.

1.3. Levantamento bibliográfico

As fontes foram levantadas em bibliografia, áudio, vídeo, jornais, revistas, documentos históricos, e nos vários órgãos públicos de Belém e também das localidades visitadas, além de acervos particulares. As leituras permaneceram direcionadas ao bem cultural pesquisado e também aos locais onde os mesmos acontecem, neste caso, sobre a Mesorregião Metropolitana de Belém. Desta forma, foram novamente visitados órgãos e instituições de cultura de Belém e uma pesquisa mais aprofundada nos arquivos sonoros do folclorista Vicente Salles no museu da Universidade Federal do Pará, bem como nos arquivos do Museu da Imagem e do Som (MIS) e no Arquivo Público do Pará.

1.4. Confecção do material de divulgação

O material de divulgação do INRC/Carimbó continuará a ser o mesmo que vindo utilizado até agora. A idéia é manter a identidade do projeto.

Este material tem possibilitado uma maior interação com o público pesquisado e com os demais habitantes da região na medida em que, depois de compreendido os objetivos deste projeto, normalmente a equipe é chamada para novas rodas de conversa e também de carimbó (Para visualização do material de divulgação, ver anexo I).

II – O CAMPO

1. Santo Antonio do Tauá

O Município de Santo Antonio do Tauá pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Castanhal. Está distante da capital, aproximadamente 54 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,69 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). O Município de Santo Antônio do Tauá só foi criado em 1961, com terras de Vigia e João Coelho (hoje Santa Izabel do Pará), através da Lei Estadual nº2.460 (FERREIRA, 2003). O principal meio de se chegar à sede do município é via terrestre partindo-se de Belém através da rodovia BR-316 e PA-140 com percurso feito em média de 1 hora e 30 minutos.



A sede municipal de Santo Antônio do Tauá está localizada às margens da rodovia PA-140.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2009

A pesquisa de campo no Município de Santo Antônio do Tauá ocorreu entre os dias 06 e 13 de novembro de 2009.

Não foram identificados grupos de carimbó em atividade no Município de Santo Antonio do Tauá. As poucas referências sobre este bem cultural dão a indicação de que o carimbó era executado nas décadas de 1950 e 1960 na Vila de Bom Jesus, onde vivia um senhor conhecido por “Vilá” que era, segundo apontaram os entrevistados, a principal referência das manifestações tradicionais da região, pois mobilizava a comunidade através dos cordões-de-bichos, bois-bumbá e o carimbó. Atualmente, há

ainda um encontro esporádico de pessoas que se reúnem para fazer “rodas de batucadas” nos finais de semana.

Por meio das indicações de técnicos da Secretaria de Educação do Município, a equipe entrou em contato com a professora Rosa Hilda da Veiga Miranda, que coordena um grupo de *Farinhada*, na Escola Municipal Rosa Cardoso Modesto, no Km 29 da PA 140, em Santo Antônio do Tauá (também conhecida como Vila Patauateua ou Perpétuo Socorro) e que, segundo as indicações, seria uma grande conhecedora das manifestações culturais desenvolvidas no município.

De acordo com Rosa Hilda, que é professora na escola citada, a *farinhada* não possui, aparentemente, nenhuma similaridade com a carimbó, pois constitui mais cantigas de roda, com melodias cíclicas e estrófes únicas. A ideia de criar um grupo de *Farinhada* surgiu em 2002, quando Rosa Hilda Miranda, mais os professores Kelly da Veiga Alves, Eduardo Farias Siqueira, Cecília Queiroz Miranda, procuravam meios de atrair os alunos do Ensino de Jovens e Adultos, pois observava-se um grande número de evasão escolar. Segundo a professora entrevistada, tanto os alunos da escola Rosa Modesto, quanto a população de Santo Antônio do Tauá estima bastante as apresentações do grupo de *Farinhada*, havendo forte participação destes alunos e da população nas rodas. No Município não há outras manifestações culturais mais notórias, com exceção das quadrilhas e festividades do período junino, no entanto, Rosa Hilda, fez referência ao cantador e tocador conhecido por “Dega”, já idoso, morador do Km 29 (também chamado de vila Patauateua) em Santo Antônio do Tauá e que, de acordo com a professora entrevistada, possui um tambor, com o qual, nos períodos festivos, sobretudo durante o ciclo junino, percorria as ruas do Município batucando diversos ritmos, inclusive o carimbó. Na segunda visita a Santo Antônio do Tauá, a equipe teve um contato bastante breve com Raimundo Nonato, o seu “Dega”, porém este estava ocupado, sendo que uma posterior entrevista foi devidamente agendada para a semana seguinte, mais especificamente, o dia 17 de novembro.

Durante entrevista, realizada nas dependências da escola Rosa Modesto, Raimundo Nonato informou que a vila de Bom Jesus, em Santo Antônio do Tauá, é o único local no Município onde ainda existe carimbó nos dias atuais, sendo que o entrevistado, com ajuda de parentes (filhos e sobrinhos), é quem promove algumas apresentações mais ou menos improvisadas durante as festividades de São Sebastião, que ocorrem em Bom Jesus durante o mês de dezembro. Conforme frisa Raimundo Nonato, o carimbo já foi mais visível e presente no Município mas, pouco a pouco

deixado de lado pela população, em decorrência de outros modelos festivos mais recentes.



Raimundo Nonato, o seu “Dega”, no Km 09 em Sto Antônio do Tauá, durante entrevista.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2009

Desse modo, Raimundo Nonato aprendeu a tocar, cantar e compor carimbó na adolescência, quando havia outros antigos cantadores e tocadores. Outra via da relação de Raimundo Nonato com o carimbó deu-se pelas frequentes viagens que realizava aos municípios da Vigia e Curuçá, onde a referida manifestação cultural se mostra mais presente.

Embora a presença do carimbó tenha se tornado relativamente escassa em Santo Antônio do Tauá, Raimundo Nonato ainda o mantém, por meio de suas canções tocadas com seu banjo e tambores. Dentre os principais problemas relatados sobre as práticas culturais no Município, destaca-se a falta de interesse dos mais jovens pelas manifestações tradicionais e do apoio e incentivo por parte do poder público.

2. Santa Izabel do Pará

O Município de Santa Izabel do Pará pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Castanhal. Está distante da capital, aproximadamente 42 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,72 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). O Município foi criado em 1931, com território desmebrado de Belém e Castanhal. No ano seguinte perdeu predados de

Município, passando o seu território à jurisdição de Belém, tendo sido restaurado em 1933, mas a instalação definitiva só o correu em 1934. Santa Izabel obteve o foro de cidade em 1938. Em 1961, foi acrescentado ao seu nome a denominação “do Pará”. (FERREIRA, 2003). Seu principal acesso se dá, partindo-se de Belém via BR-316 com percurso médio realizado em 1 hora.



Praça Matriz de Santa Izabel do Pará

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

Nos dias 08 e 15 de janeiro de 2010 realizou-se pesquisa de campo em Santa Izabel do Pará. Inicialmente, por indicação das Secretarias de Cultura e de Educação do Município, entrou-se em contato com os professores Vanilde Farias, Carlos Eugênio e Adilena Lopes, do Departamento de Ensino da Secretaria de Educação para que fosse feita a apresentação do INRC/Carimbó e se pudesse levantar uma lista com o maior número de referências culturais relativas ao carimbó no Município. Dentre tais referências, listaram-se as seguintes manifestações culturais: Grupo de Dança da “Farinha de Tapioca” da Vila de Americano; Grupo “Unidos de Americano” (Memória); Grupo de Dança da Comunidade Quilombola de Macapazinho; Grupo de Dança da Terceira Idade de Santa Izabel do Pará; Carimbó da Vila de Apeteua (memória) e Conjunto de Carimbó “Unidos de Caraparú” (Memória), além de um outro conjunto que alguns afirmaram existir, mas não souberam indicar pessoas nem endereços onde se pudesse obter referências. Neste mesmo dia realizou-se entrevistas com a professora Elizabeth Segtowick, da escola Magalhães Barata da Vila de Americano, e representante do Grupo de Dança da “Farinha de Tapioca”, e com Raimundo Brandão (Jacobino), que foi representante do conjunto “Unidos de Americano”.

Durante entrevista à Elizabeth Segtiwick, a professora informou que o Grupo de Dança da “Farinha de Tapioca” surgiu em 1990, por meio de seminário sobre a utilização da mandioca e derivados junto à Associação de Moradores de Americano. Quando da realização do seminário, alguns moradores tiveram a idéia de compor uma letra de carimbó sobre a produção da farinha de tapioca, prática econômica e cultural bastante significativa na Vila de Americano, para que se realizassem coreografias e se formasse um conjunto de carimbó. O conjunto passou a ser chamado “Unidos de Americano” e a dança, realizada pelos moradores de Americano, foi denominada Dança da “Farinha de Tapioca”. O grupo possui, segundo Elizabeth Segtowick, uma grande estima dos moradores da vila e de todo o Município, sendo considerado uma referência em Santa Izabel do Pará. Na entrevista empreendida com Raimundo Brandão, conhecido como Jacobino, um dos criadores do Grupo de Dança da “Farinha de Tapioca” e do conjunto de carimbó “Unidos de Americano”, (este grupo realizou várias apresentações tanto na vila de Americano quanto em outras localidades do município de Santa Izabel e proximidades). O conjunto acabou ainda no final da década de 1990, mas Raimundo Brandão possui grande interesse em retomá-lo.



Professora Elizabeth Segtowich,
localidade de Americano, Santa
Izabel do Pará.

Imagem: Equipe INRC Carimbó, 2010

Mesmo sem uma grande movimentação cultural-artística em torno do carimbó atualmente, o Município de Santa Izabel possui um legado tradicional desta manifestação. As referências atuais sobre o bem pesquisado estão localizadas na Vila de Americano, porém, o Município possui algumas comunidades quilombolas as quais desenvolvem festividades com a execução de batuques e danças bastante semelhantes as do carimbó. Merece atenção a dinâmica sócio-cultural e histórica do Município que

pode ajudar a compreender as nuances que levaram as manifestações culturais de Santa Izabel a um lugar de menos importância para seus habitantes.

3. Barcarena

O Município de Barcarena pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião de Belém. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,72 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Em 1938, pelo Decreto Lei Estadual nº 2.972, Barcarena teve seu nome definido e apareceu como Distrito do Município de Belém. Em 1943, ganha status de Município (FERREIRA, 2003).

Está distante da capital, aproximadamente 15 km em linha reta. No entanto, esta proximidade só é sentida para quem atravessa em embarcações de Belém até o porto do Arapari seguindo o trajeto por uma estrada que dá acesso a rodovia PA-151 que leva até a sede municipal de Barcarena em percurso médio feito em 1 hora e 50 minutos. Outra via, também partindo-se de Belém, é pela rodovia BR-316, Alça Viária e PA-151 em percurso feito em média de 2 horas e 30 minutos, podendo ser mais dependendo do estado da estrada, normalmente esburacada.



Aspectos da localidade: o rio Barcarena, um dos meios de acesso a cidade.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

É só a partir de 1990 que, segundo o levantamento realizado no município, começam a surgir os primeiros grupos para-folclóricos em Barcarena influenciados pelo movimento deste tipo de organização cultural na cidade de Belém. No entanto, não

foram identificados grupos tradicionais de carimbó neste Município. As referências mais antigas, segundo relatos, é da década de 1920, onde há indicações de que se reuniam pessoas para tocar e dançar o carimbó na localidade de Caeté na fronteira com o Município de Moju. Atualmente, uma das grandes personalidades artísticas da localidade, Joaquim de Lima Vieira, o “Mestre Vieira”, considerado o inventor do gênero musical “Guitarradas”, foi o único compositor de carimbó identificado no Município que inclusive chegou a gravar alguns deles em seu primeiro LP em 1978. No entanto, o entrevistado relatou a influência dos grupos de carimbó de Marapanim e Belém em sua obra, os quais passou a conhecer na década de 1970.

Entre os dias 22 e 24 de janeiro de 2010 a equipe INRC/Carimbó realizou pesquisa de campo no município de Barcarena, onde se tentou entrar em contato com Ferdinando Moraes, secretário de cultura local, mas este havia viajado para Belém. Desse modo, a equipe foi encaminhada para falar com Roberto Tavares, colaborador da secretaria de cultura, que é historiador e também diretor da "Companhia de Dança Gibiríé" (que significa "rio pequeno" na língua dos índios Aruãs). Roberto relatou a equipe que não tem conhecimento sobre qualquer prática antiga de carimbó no Município, mas que os mais velhos assinalam que havia um "batuque" na localidade de Cafezal, onde existiu uma fazenda com um casarão e uma senzala, na qual os negros realizam cultos em reverência aos seus orixás ao som dos tambores. Apesar de tais práticas fazerem parte da memória cultural local, não existe, segundo ele, nenhuma iniciativa da comunidade de Cafezal em reivindicar-se quilombola. O grupo de dança do historiador montou, há uns anos atrás, um espetáculo denominado "Origens", no qual referencia a história de Cafezal. O avô de Roberto, Clemente Tavares foi dono de um salão de dança, onde tocava música "pau-e-corda" ao vivo, mas segundo o historiador é provável que se tratasse de bandas de "jazzi". De acordo com o entrevistado nunca existiu no Município grupos de carimbó "pau-e-corda", que apresentassem tocadores antigos vindos de uma tradição de gerações, posto que, somente na década de 1990, é que surgiram grupos que tocassem carimbó e, fundamentalmente, dentro do formato de grupos parafolclóricos.



Beto Tavares, diretor da Companhia de Dança Gibiré.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

Em 1993, por ocasião da "Semana de Arte de Barcarena", organizada pelo professor Desemilson Goés, foi iniciada na cidade uma mobilização de valorização do folclore do Estado, influenciada pelas idéias de Adelmo Matos, músico e pesquisador que liderou o grupo parafolclórico do Colégio Augusto Meira, em Belém, e lançou um LP (1978) que até hoje é a principal trilha sonora (contendo os ritmos desfeiteira, siriá, xote bragantino, macumba e carimbó) para os grupos de dança folclórica da capital e do interior, como declara Roberto. A partir de 1994, foram formados em Barcarena alguns grupos parafolclóricos como o "Murtiguras" (homenagem ao nome da tribo indígena localizada às margens do rio Pará) de Vila do Conde, organizado pela professora Zuleide. Este grupo, hoje desativado, era formado por jovens estudantes que tocavam e dançavam diversos ritmos paraenses, entre eles o carimbó, cujos instrumentos eram os curimbós, atabaques, maracas e xeque-xeque. Outros grupos citados por Roberto foram : "Gaia" da localidade de Itupanema, "Mucuruçás" e "Raízes Nativas" (hoje também desativados) e a "Companhia de Dança Gibiré", em atividade há 15 anos na cidade.

É necessário um maior aprofundamento investigativo sobre a possível existência de grupos de carimbó na área indicada pelas entrevistas para um maior aprofundamento do conhecimento sobre esta manifestação cultural no Município.

4. Santa Bárbara do Pará

O Município de Santa Bárbara do Pará pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Belém. Está distante da capital, aproximadamente 35 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,69 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). O Município foi criado em 13 de dezembro de 1991, pela Lei Estadual nº5.693, porém tem uma ocupação antiga. Sua proximidade com Belém, Baía de Guajará e o grande número de furos, rios e igarapés permitiram que seu território fosse movimentado por viajantes, mercadores, aventureiros e revolucionários há séculos.

A sede municipal possui acesso por rio (sendo que não há linhas de transporte regular e sim apenas embarcações madeireiras e de outras cargas), e por estrada, partindo-se de Belém pela BR-316 e PA-391, estrada que também dá acesso ao balneário de Mosqueiro, um dos mais procurados da região metropolitana de Belém. O tempo médio de viagem até a sede municipal de Santa Bárbara é de 40 minutos.



Vista da entrada da cidade de Santa Bárbara do Pará: estrada PA-391 que dá acesso ao Município.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Santa Bárbara do Pará foi realizada no final do mês de janeiro de 2010. A equipe INRC/Carimbó obteve informações a respeito do carimbó no Município através do membro organizador da campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro” Isaac Loureiro. A partir disso, foram realizadas várias tentativas de contato com a Secretaria de Cultura do Município, porém sem sucesso. Mesmo com as poucas informações, tanto em referências bibliográficas, quanto de pré-contatos que a

equipe dispunha, partiu-se em direção à Santa Bárbara onde, ainda pela manhã, a equipe foi recepcionada por outro membro da referida Campanha e também funcionário contratado pela Secretaria de Educação do Município, Manoel de Oliveira Teixeira, conhecido por “Preto”, sendo que o mesmo já havia assessorado a equipe quando da visita da mesma ao Município de Maracanã na microrregião do Salgado Paraense.

Em Santa Bárbara, foram identificados os conjuntos de carimbó “Estrela do Norte” (memória) e o “Unidos do Paraíso” (o único em atividade na localidade) além de alguns antigos que participaram de grupos de carimbó quando do início da ocupação da área. Dentre as principais evidências levantadas sobre o bem cultural carimbó, os relatos apontam para o recente aparecimento desta manifestação (década de 1990) no Município, onde há indicações unânimes da chegada da mesma por mãos de um antigo morador vindo do Município de Marapanim, mas este retornou a sua terra natal. Daí em diante, formou-se um grupo que se reunia durante alguns dos principais festejos da localidade para tocar e dançar o carimbó na localidade de Paraíso, no interior do município.

Atualmente, o carimbó é praticado pelo grupo onde as suas principais atividades estão relacionadas a apresentações em eventos, sejam eles públicos e/ou particulares. Não há um grande movimento estabelecido no Município em torno deste bem cultural, assim como não foram encontradas referências de associações da prática do carimbó com manifestações religiosas, exceto em raros casos de convite da paróquia local para que o único grupo da cidade se apresente na festividade do padroeiro, não sendo, no entanto, um aspecto permanente na festa. Não há também, segundo os entrevistados, nenhuma atividade cultural relativa a esta prática de continuidade e repasse de conhecimentos relativos à mesma.

Percebeu-se, no entanto, que mesmo sem uma tradição antiga em torno do carimbó, há no Município, notadamente por parte dos membros do grupo “Unidos do Paraíso”, uma forte intenção de fortalecer este bem cultural no lugar, seus representantes tem se empenhado em aumentar o número de apresentações para além dos limites municipais. A participação em reuniões e eventos promovidos pela “Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”, bem como por órgãos governamentais na capital do Estado, tem sido uma constante no grupo.

O Conjunto não é referendado com nenhum tipo de projeto de apoio institucional público ou privado que contemple suas ações. A receita se resume a cachês que em média são cobrados em torno de duzentos e cinquenta reais, sendo deste retirado

quase que cinquenta por cento para pagamento de um músico de sopro contratado fora do município e o restante é rateado entre os membros do grupo, guardando-se uma pequena quantia para a manutenção dos instrumentos.



Ilson F. Cordeiro e José Maria de F. Cordeiro fundadores do Grupo de Carimbó “Unidos do Paraíso”

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

Grupo de Carimbó “Unidos do Paraíso” preparando-se para uma apresentação em um evento festivo realizado na sede da comunidade durante visita da equipe.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010



Em 2009, houve uma grande reunião da “Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro” na sede do Município onde além de palestras, oficinas e rodas de conversas, houve um festival de carimbó que movimentou a localidade em torno do carimbó e promoveu uma maior divulgação do lugar como um dos possíveis novos locais de realização desse tipo de evento e com isso a maior possibilidade de criar um interesse na formação de novos grupos.

5. Castanhal

O Município de Castanhal pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Castanhal. Está distante da capital, aproximadamente 67 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,75 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). A origem do Município de Castanhal é atribuída a um povoamento de colonos e imigrantes nordestinos. Nos seus registros históricos encontra-se a informação de que em julho de 1899 o povoado foi elevado à categoria de Vila, mediante a promulgação da Lei nº646, quando ainda era parte integrante do Município de Belém. No ano de 1934 foi criada a Comarca de Castanhal. A reordenação dos quadros da divisão territorial do Estado, realizada nos anos de 1936 e 1937, assim como o anexo do Decreto-Lei Estadual nº 2.972, de 1938, reconhecem a existência do Município de Castanhal, que conta com a sua sede, mais as de Apeú, Anhangá e Inhangapi. Em 1943, o Decreto-Lei Estadual nº 4.505, faz com que o Município de Castanhal perca Anhangá e Inhangapi. Seu principal acesso, partindo-se de Belém é feito pela rodovia BR-316 com percurso médio feito em 1 hora e 20 minutos.



O principal cartão postal: o Monumento do Cristo Redentor, localizada em uma das estradas que dão acesso a cidade. Localiza-se às margens da BR-316.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Castanhal ocorreu no mês de fevereiro de 2010, porém houve uma busca por informações preliminares sobre o carimbó naquele Município pela equipe de pesquisa. A única referência surgiu a partir do cadastro de

grupos de carimbó cedido pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará – SECULT, a qual informava sobre o conjunto de carimbó “Modelo” de responsabilidade do senhor Hailton Lima. No entanto, ressalte-se que durante os trabalhos realizados na microrregião do Salgado Paraense no Município de São João da Ponta, a equipe já havia obtido algumas informações sobre este grupo, uma vez que o fundador do mesmo é proveniente daquele Município, o cantor, compositor e banjista José Pinheiro de Lima, também conhecido por “Zeca Lima”.

Em Castanhal, a equipe conseguiu falar apenas com o filho de Zeca Lima, José Dalmácio Lima, pois o mesmo estava fora da cidade. Dalmácio (que toca o curimbó no grupo), juntamente com seu pai e Lúcio Coelho outro tocador de curimbó (este nascido no município de Marapanim) fundaram o Conjunto de Carimbó “Modelo” de Castanhal em maio de 1994.

Segundo Dalmácio, seu pai, hoje com 84 anos de idade, trouxe sua prática musical do Município de São João da Ponta onde, na juventude, participou de cordões-de-bicho chegando a fundar um conjunto de carimbó que se tornou uma das principais referências culturais do lugar, o “Pinga-Fogo” (até hoje bastante lembrado pelos antigos habitantes da sede municipal de São João da Ponta). Da mesma forma, Lúcio Coelho era tocador de curimbó na localidade de Matapiquara em Marapanim, no famoso conjunto “Faixa-Branca”.

Como é o único conjunto de carimbó de Castanhal, o “Modelo” é bastante requisitado nos eventos festivos do Município, uma vez que, há uma estreita relação do mesmo com a Fundação Cultural do Município (FUNCAST) que viabiliza regularmente as apresentações do grupo em eventos promovidos pela Prefeitura e pelas paróquias da localidade. Neste ponto, há uma proximidade do grupo com a Igreja Católica de Castanhal, já que Dalmácio é diácono permanente e parte das músicas feitas é de elevação das práticas religiosas da Igreja como no exemplo da música “carimbó diocesano” gravado no CD da paróquia local em 2005.

Dalmácio destaca ainda que em Castanhal a comunidade, de um modo geral, aprecia o carimbó, sendo que o gênero é dançado principalmente pelos mais velhos, posto que, os jovens não se interessam efetivamente pela manifestação. O tocador diz ter tido certa dificuldade em conseguir novos integrantes para o seu conjunto.



Sr José Dalmácio Lima exibindo um dos uniformes utilizados pelo Conjunto de Carimbó “Modelo”.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

José Pinheiro de Lima, o “Zeca Lima”, um dos baluartes da prática do carimbó no Município de Castanhal.

Imagem: Arquivo pessoal do entrevistado



Nos estudos preliminares realizados pela equipe sobre o Município de Castanhal, observou-se que o mesmo foi formado a partir da imigração de populações dos mais diversos lugares, seja do litoral paraense (desde a abertura de estradas durante a década de 1930), como de nordestinos (período de implantação da estrada de ferro Belém-Bragança, final do século XIX à meados do século XX) e finalmente por estrangeiros, notadamente japoneses nas décadas de 1940 e 1950, que implantaram a agricultura permanente da pimenta-do-reino, um dos principais produtos da balança comercial de Castanhal até os dias atuais. Desta forma, a formação sócio-territorial do Município se constitui em nichos culturais implementados por imigrantes e, a partir disso, o mesmo possui uma característica peculiar no que se refere ao seu cosmopolitismo regional. Sendo assim, é possível se identificar manifestações transitórias e pontuais trazidas de outros lugares como é o caso da prática do carimbó em sua sede municipal, onde

durante a apresentação do único grupo em atividade, há uma espécie de “reunião de conterrâneos”, advindos principalmente das cidades da região do Salgado Paraense.

Por sua importância estratégica, a cidade de Castanhal é uma das que mais cresce dentro do Estado, sua cultura, ainda pouco estudada, é referendada por festividades várias (religiosas e seculares). No que se refere ao carimbó, sua prática é nova, seus fundadores são oriundos de outros Municípios, porém há uma significativa relação deste bem cultural com boa parte de sua população. Sua prática e manutenção é um importante meio de se conhecer melhor aquela realidade notadamente diversa culturalmente.

6. Inhangapi

O Município de Inhangapi pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Castanhal. Está distante da capital, aproximadamente 66 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,68. O núcleo que deu origem à atual sede do Município, data de meados do século XIX, em área direita do rio Inhangapi, afluente do rio Guamá. O Decreto-Lei nº 4.505, de 1943, criou o Município de Inhangapi, com território desmembrado do Município de Castanhal. Em 31 de dezembro de 1947, através da Lei nº 62, foi elevado à categoria de cidade. (FERREIRA, 2003). O Acesso a sua sede municipal, partindo-se de Belém é feito via rodovia BR-316 e PA-036 com percurso feito em média de 1 hora e 30 minutos.



Frente da sede municipal de Inhangapi banhada pelo rio de mesmo nome.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Inhangapi foi realizada em meados de fevereiro de 2010. O único contato da equipe era o do Senhor Cláudio Monteiro, coordenador de cultura de Inhangapi, que nos recepcionou e acabou se tornando a única fonte disponível identificada de informação sobre o carimbó na localidade.

Segundo o entrevistado, não há registros de grupos ou pessoas que praticam ou praticaram o carimbó no Município. Nos registros da prefeitura e da bibliografia sobre o local, também não foram encontrados dados referentes a este bem cultural.

Por iniciativa própria, o senhor Cláudio Monteiro montou um conjunto de carimbó denominado de “Ribeirinhos”, sua preparação foi feita por uma pessoa contratada residente no Município de Castanhal nascido em Marapanim que ministrou uma oficina de confecção de instrumentos de carimbó. Segundo o entrevistado, a Secretaria de Cultura comprou todo o material para confeccioná-los e demais instrumentos industrializados e organizou os ensaios do grupo composto por jovens da localidade, no entanto o projeto não foi adiante devido, segundo o mesmo, além da falta de sensibilidade para com o bem cultural, a falta de pagamento de cachês por parte da Prefeitura para o referido grupo.

Os instrumentos permanecem guardados na sede da coordenação de cultura do Município e sem perspectiva de que possam ser utilizados novamente.



Os curimbós servem de mesa: retrato da falta de uso dos instrumentos do único grupo de carimbó que existiu a pouco tempo no município.

Imagem: equipe INRC/Carimbó, 2010

7. Benevides

O Município de Benevides pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Belém. Está distante da capital, aproximadamente 30 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,71. A história de Benevides está ligada a política administrativa imperial de colonizar a região bragantina, através da criação de núcleos agrícolas. Foi estabelecida a colônia agrícola de Benevides localizada em um dos trechos da extinta estrada de ferro de Bragança, nas proximidade do antigo *varadouro* dos índios *tupinambás*. O estabelecimento de famílias de nordestinos, por conta da Estrada de Ferro de Bragança, teve enorme importância para o crescimento populacional e econômico do lugar, que chegou a ter a sua estação ferroviária (parada) no km 33 daquela vila. O Município com denominação de Benevides foi criado em 29 de dezembro de 1961, com terras desmembradas do Município de Ananindeua (FERREIRA, 2003). Benevides está localizada às margens da BR-316, assim, o acesso é feito via terrestre com várias linhas de transporte regulares que partem tanto de Belém com percurso feito em média de 30 minutos, quanto de outras cidades próximas como Castanhal e Santa Izabel do Pará.



Marcos da entrada da cidade de Benevides localizado às margens da BR-316

Imagem: equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Benevides foi realizada no final do mês de fevereiro de 2010. Não foram identificados grupos nem pessoas que tenham alguma relação com o carimbó neste município. Da mesma forma, não foram encontradas referências documental e/ou bibliográfica sobre a existência dos mesmos.

8. Marituba

O Município de Marituba pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Belém. Está distante da capital, aproximadamente 21 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,71. A origem de Marituba está ligada à construção da Estrada de Ferro de Bragança, ferrovia com 293 quilômetros de extensão, cujas obras duraram 25 anos. O Município foi criado através da Lei Estadual nº5.857, de 22 de setembro de 1994, com o território desmembrado de Benevides. O primeiro prefeito municipal foi Fernando Corrêia a instalação do Município ocorreu em 01 de janeiro de 1997. (FERREIRA, 2003). A cidade de Marituba está localizada às margens da BR-316, assim, o acesso é feito via terrestre com várias linhas de transporte regulares que partem tanto de Belém com percurso feito em média de 20 minutos, quanto de outras cidades próximas como Castanhal e Santa Izabel do Pará e Benevides.



Marcos da cidade de Marituba. Ao lado a imagem de uma das poucas edificações que restam da época em que funcionava a estrada de ferro Belém-Bragança: a caixa d'água que abastecia o trem localizada na estrada que substituiu o trilho.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Marituba foi realizada no final de fevereiro de 2010. A identificação de grupos e pessoas envolvidas com o carimbó neste Município se deu pelas informações de grande parte dos entrevistados em Belém sobre a existência de

grupos naquela localidade principalmente durante a década de 1960 e 1970 quando os mesmos eram bastante solicitados para apresentações em Belém.

Atualmente existe um grupo em atividade no Município denominado “Os Originais do Carimbó” fundado em 2009 e organizado pelo senhor Rosemiro Mendes dos Santos.

Dentre as referências de memória sobre o carimbó, a equipe encontrou uma personalidade viva, Domingos Neves de Lima que, junto com seu irmão, Manoel Neves de Lima (já falecido) fundaram o conjunto de Carimbó “O Rouxinol” na década de 1960 (não soube precisar a data). Este conjunto acabou por se tornar um dos pioneiros na região atualmente conhecida como Metropolitana de Belém.

Seu Domingos nasceu na Vila Maú, no Município de Marapanim, onde tocou em bandas e em conjuntos de carimbó, mudou-se para o atual Município de Marituba na década de 1960 em busca de trabalho, porém, como não tinha estudo, era obrigado a fazer qualquer tipo de atividade, como lavar carros no bairro de São Bráz em Belém. É o único membro vivo do grupo “O Rouxinol”. Participa também, desde a década de 1970 do Conjunto de carimbó “Uirapurú”, que pertencia a um dos mais reconhecidos mestres de carimbó do estado, “Verequete” (falecido em 2009). Mesmo com a perda, este conjunto ainda está em atividades, e seu Domingos é um dos percussionistas.



Domingos Neves de Lima, lenda viva da história do carimbó no Município de Marituba. Ainda hoje toca no Conjunto Uirapuru de Verequete em Belém.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

Outro grupo citado pelos entrevistados no Município foi o “Tabajara”, fundado pouco tempo depois da criação do “Rouxinol” por um senhor conhecido por Nildo que, por problemas de saúde, está impossibilitado de dar entrevistas.

O Município de Marituba constitui um dos berços que influenciaram a formação de grupos de carimbó na cidade de Belém, notadamente a partir do grupo “Rouxinou” o qual só se tem informações através de um dos remanescentes vivos dos que participavam do mesmo: o Sr. Domingos Neves de Lima, nascido em Vila Maú no Município de Marapanim. Faz-se necessário um aprofundamento histórico sobre o bem cultural pesquisado neste Município, sua dinâmica em torno do surgimento e recrudescimento que acabou por influenciar a formação de grupos na capital do Estado na medida em que já é claramente identificado por esta pesquisa que a fundação de grupos na área se deu sob forte influência de grupos advindos do interior do Estado, notadamente da região do Salgado Paraense, para apresentações em Belém bem como de pessoas oriundas dessa região que passaram a habitar as áreas periféricas e circundantes à capital. Mesmo com o pequeno número de interessados atualmente na formação de grupos de carimbó no Município, há de se considerar que o mesmo possui uma tradição (no sentido temporal do termo) no que diz respeito à manifestação e de onde saíram importantes tocadores de carimbó como o conhecido “Mestre Curica” e o próprio Domingos de Lima que atua no conjunto Uirapurú do finado “Mestre Verequete”.

9. Bujaru

O Município de Bujaru pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Castanhal. Está distante da capital, aproximadamente 52 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,71. A origem de Bujarú está relacionada ao Município de São Domingos da Boa Vista (depois “do Capim”), quando constituía Distrito deste em 1758. Bujarú foi primitivamente ocupado por famílias de origem nordestina que ali se estabeleceram atraídas pela fertilidade do solo. Em 1938 o distrito perdeu essa categoria, passando a figurar como zona do distrito de São Domingos do Capim. Em 1943, pelo Decreto-Lei nº 4.505, sancionado pelo interventor federal Magalhães Barata, foi criado o Município de Bujarú. A Lei nº 5.442, de 1988, desmembrou Bujarú e constituiu o Município de Concórdia do Pará. (FERREIRA, 2003). O principal acesso até a sede municipal, partindo-se de Belém se dá pela rodovia BR-316 e PA-140 em percurso realizado em média de 1 hora e 30 minutos.



Vista da frente da cidade de bujaru localizada às margens do rio Guamá.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

A viagem ao Município de Bujaru foi realizada no mês de março de 2010. As poucas referências encontradas sobre o carimbó no Município estão relacionadas à história pessoal de alguns de seus habitantes mais antigos onde, na década de 1960, participavam do único grupo de carimbó – segundo os entrevistados – fundado até então no Município: o Conjunto “Suburbano”. No entanto, o conjunto durou pouco tempo. Atualmente, há uma tentativa de retomada da prática do carimbó na sede municipal. Desde 2007, por iniciativa da Fundação Curro Velho, foi formado um grupo de dança que, posteriormente, foi anexado ao grupo musical formado em grande parte, pelos mesmos integrantes do Conjunto “Suburbanos”, o grupo recebeu o nome de “Canto do Guará” como forma de homenagem a antiga denominação do Município que se chamava “Guará-Mucú”. Dentre os principais problemas relatados no que concerne à prática do carimbó em Bujarú estão: a falta de material e de recursos para adquiri-los como a matéria-prima usada na confecção de instrumentos (curimbós e banjos principalmente), a ausência de músicos de sopro (flauta, saxofone, etc) e de artesões de banjo no município além da falta de apoio financeiro para custear o transporte do grupo para realizar apresentações fora da localidade.



Bruno Batista – Conjunto “Canto do Guará”.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

10. Ananindeua

O Município de Ananindeua pertence à mesorregião Metropolitana de Belém e a microrregião Belém. Está distante da capital, aproximadamente 17 km. Seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é de 0,78. As origens históricas do Município de Ananindeua remontam de meados do século XIX. Seu povoamento inclui famílias fugitivas de confrontos da Cabanagem e por abrigar uma estação de passageiros da extinta Estrada de Ferro de Bragança. O nome do lugar é referencia ao Ribeirão de Ananindeua, que corta a zona central da cidade e com o tempo o seu povoamento adquiriu dinamismo, sendo reconhecido como freguesia e posteriormente distrito de Belém. Pelo Decreto Lei Estadual nº4.505, de 30 de dezembro de 1943, assinado pelo governador Magalhães Barata, o Município foi emancipado e devidamente instaladoa 03 de janeiro de 1944 (FERREIRA, 2003). A cidade de Ananindeua está localizada às margens da BR-316, assim, o acesso é feito via terrestre com várias linhas de transporte regulares que partem tanto de Belém, quanto de outras cidades próximas como Castanhal e Santa Izabel do Pará, Benevides e Marituba.



Vista da Praça de Ananindeua onde se observa o coreto e o pequeno anfiteatro. Fonte: 2ª SR/IPHAN, foto de Paulo Benjamim, 2003

A história do carimbó no Município de Ananindeua se confunde com a de Belém já que um Município é prolongamento do outro, desta forma, há um encontro de datas no que concerne ao período do início e do auge do carimbó nas duas localidades concentradas entre as décadas de 1960 e 1970. Assim, os grupos organizados de carimbó em Ananindeua que remontam esta época, foram formados por pessoas oriundas do interior do Estado, notadamente a região litorânea, conhecida por Salgado Paraense. Deste período, a principal referência apontada pelos entrevistados diz respeito ao Conjunto de Carimbó “Pindorama” que, durante o referido período, realizava apresentações pela região. Atualmente foram identificados os conjuntos: “Amigos do Carimbó” e “Caçulas de Jarandea” sendo estes grupos que praticam o carimbó em sua forma tradicional (também denominada “Pau-e-corda”); os grupos “Amazônia” e “Fogo-Fagô” que realizam releituras musicais com base na música tradicional. No que diz respeito às dificuldades de reprodução dos grupos há um discurso comum em relação a falta de apoio por parte do poder público para o fomento da prática do carimbó no Município, some-se a isso, que não há um reconhecimento desta manifestação como autêntica do local e, sendo assim, a mesma é preterida em função de outros formatos, mais especificamente de entretenimento, protagonizado pela gestão pública de cultura municipal. Desta forma, as apresentações dos grupos ficam condicionadas ao período junino.



Alexandre Silva e Luiz de Assunção com Mário Neves do conjunto “Brasas da Marambaia”.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2010

11. Belém

O Município de Belém está localizado na região nordeste do estado do Pará, na confluência do rio Guamá com a baía do Guajará, que faz parte do sistema hídrico composto pela foz do rio Tocantins, rio Pará, baía de Santo Antonio e baía do Marajó. O território de Belém é constituído de uma parte continental e de uma insular composta por cerca de 40 ilhas. Com uma área de 1.065 km² (IBGE 2000), Belém está localizada na faixa equatorial conhecida como faixa de depressão da Amazônia Central, a aproximadamente 160 km da linha do Equador. A cidade está a uma altitude de 11 metros acima do nível do mar e edificada, em grande parte, sobre uma ponta de terra compreendida entre a baía de Guajará e o rio Guamá. Belém faz limites com a baía do Marajó, baía do Guajará, Santo Antonio do Tauá, Ananindeua, Santa Bárbara, Marituba e Acará



Vista aérea de Belém a partir Baía do Guajará. Ao fundo, o rio Guamá. Fonte: Belém do Pará. São Paulo. ALUNORTE, 1995. p. 107, fotografia de Luiz Braga. Biblioteca Ernesto Cruz, IPHAN/PA.

Para se realizar o levantamento preliminar sobre o carimbó no Município de Belém, foi discutido e elaborado pela equipe de pesquisadores um plano de ação que pudesse dar conta de sua extensão territorial. As referências sobre este bem cultural indicadas em fontes secundárias somadas as informações dos órgãos e instituições de cultura do Município (FUMBEL) e do Estado (SECULT) acabaram por nortear e delimitar o universo de coleta dentro da chamada Grande Belém. As entrevistas in loco também serviram como fatores determinantes de informação e localização de pessoas e grupos espalhados pela região.

Em Belém, não houve, como nos demais Municípios da mesorregião Metropolitana, a demarcação de um período para a realização do trabalho de campo, o mesmo aconteceu em todos os meses de vigência da pesquisa concomitante ao trabalho realizado no restante dos municípios deste sítio.

A pesquisa teve início no distrito de Icoaraci (distante 20 km de Belém aproximadamente), na segunda quinzena do mês de outubro de 2009 onde levantou-se importantes informações sobre o carimbó naquele lugar. As referências sobre o bem cultural remontam – segundo apontaram algumas entrevistas – para a década de 1960 como sendo a época de gênese desta manifestação no local, notadamente no Km 23 da Avenida Augusto Montenegro. Muitas pessoas, a maioria vinda do interior do Estado, se reuniram aos domingos, junto com suas famílias, em rodas de carimbó, como Antônio Santa Brígida (Município de Maracanã) e Antônio Araújo (Município de Curuçá).

Há também uma importante referência da participação de mulheres no carimbó não só como dançarinas, mas também como instrumentistas. Possivelmente, estas mulheres eram descendentes de negros escravos. Segundo a Sra Nazaré do Ô Ribeiro, responsável pelo grupo “Àguia Negra”: “Alciana e Quitéria eram negras bem altas descendentes de escravos que arregaçavam suas ‘saionas’ floridas e tocavam tambor”.

Dentre os principais ativistas do carimbó daquela época, além dos citados acima, foram informados os nomes de: João Ribeiro, Maria Manduca (mãe de uma das mais famosas cantoras de carimbó do estado radicada na França, Nazaré Pereira), Pedro Alves de Almeida (descendente de Alciana e Quitéria e um dos principais tocadores de banjo da década de 1960, atualmente morador do município de Castanhal). Além destes,

Agostinho (sobrinho de Antônio Santa Brígida de Maracanã responsável por escavar os tambores que seriam utilizados pelos grupos) e Lourenço Franco (filho de Antônio Araújo de Curuçá que era cantador).

Em 1972-1973 Milton Yamada (compositor e incentivador dos grupos de carimbó da época) produziu o disco “Ver-o-Peso” com faixas de diferentes gêneros musicais, entre eles, músicas de carimbó. Lourenço Franco (compositor) era um dos cantores. Este disco foi lançado antes do disco “Uirapurú” de Verequete (uma das referências do carimbó no Pará).

Nos foi relatado que em 1974, Verequete morou em uma casa de madeira no canto da 7ª rua em Icoaraci, onde “colocava” o boi-bumbá “Pai da Malhada” e freqüentava um terreiro de “macumba” nas proximidades, realizava rodas de carimbó na sua casa, onde reunia Lourenço Franco, Bené Araújo, dentre outros.

Há também relatos de que no bairro do Tenoné (próximo a Icoaraci), por volta de 1970, acontecia a festa de São Pedro, em junho, na qual se organizava uma roda de carimbó com tocadores da comunidade: “o carimbó do seu Mico”.

Em 1972, no Km 23, durante as comemorações dos festejos de Nossa Senhora de Nazaré em outubro, eram realizadas festas de carimbó em uma casa de show chamada “Embaló 72”. Ainda no Km 23, alguns anos mais tarde, passou a acontecer a Festa de São Raimundo com rodas de carimbó organizadas por um senhor conhecido com seu “Tapioca”.

Os primeiros grupos de carimbó de Icoaraci:

- **“Os Brasas Vivas”** – do sargento Enéas (compositor). Atualmente alguns dos ex-componentes deste grupo moram no bairro da Marambaia.
- **“Irmãos Coragem”** – Cuja única referência coletada até o fechamento deste relatório é a de que pertencia ao irmão mais velho do “Dodó”.
- **“Águia Negra”** – de João Ribeiro e Nazaré do Ó

Segundo a Sra Nazaré do Ó, sua mãe (Maria Luiza Paiva do Ó) organizava, desde quando morava no Município de Soure na Ilha do Marajó, brincadeiras como: “a tintureira”, pastorinhas, cordões-de-bicho, além de ser rezadora de ladainha. Em outro relato, a entrevistada, falando um pouco sobre o carimbó em Belém, afirma que em 1960, Maria Júlia, filha de uma família rica do bairro Batista Campos, organizava uma quadra junina (costume que ali não era comum, já que o carimbó acontecia, segundo a Sra Nazaré, nos bairros do Jurunas e Pedreira, na periferia da cidade). Maria Júlia reunia tocadores de boi, pássaro e carimbó nos festejos que realizava.



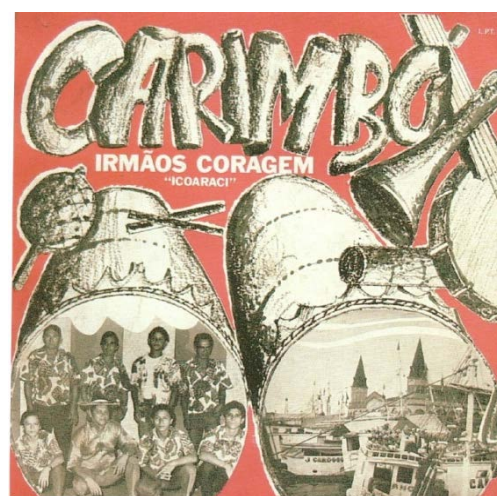
Conjunto de carimbó Paramaú
– Praça da República 1977
(Arquivo do grupo)

Conjunto de carimbó Águia
Negra
(arquivo do grupo)



LP do Conjunto de carimbó “Águia
Negra”.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2009



LP do Conjunto de Carimbó
“Irmãos Coragem”.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, 2009

Em Belém, na primeira quinzena de novembro de 2009, a equipe participou de uma reunião com representantes de grupos participantes da Associação Folclórica de Belém – AFEB, na ocasião, foi apresentado o projeto INRC/Carimbó aos participantes e foi solicitada, por parte da equipe, uma lista com os contatos telefônicos de todos os membros da associação, sendo que a coordenação da reunião ficou de enviar por e-mail.

Nos dias posteriores a esta reunião, a equipe deu seguimento as entrevistas com representantes de grupos de carimbó em Belém, incluindo-se aí, participantes da AFEB. No dia 15 de novembro, realizou-se entrevista com Oséas Ribeiro, representante do grupo “Moara”, do bairro da Pedreira, em Belém. Conforme comentou Oséas Ribeiro, não há muitos grupos de carimbó em Belém (referindo-se aqui ao que este denomina de *carimbó raiz*), sendo a grande maioria Grupos de Tradições (que realizam pesquisas sobre diferentes manifestações culturais e desenvolvem apresentações de acordo com o que reconhecem como “formatos tradicionais”), Grupos Folclóricos (que apresentam uma ou outra manifestação folclórica da região, como o boi-bumbá, cordões, etc) e Grupos Parafolclóricos (que desenvolvem, a partir das manifestações culturais regionais, diversas performances, dramas e formatos de apresentação considerados externos àqueles tidos como tradicionais). Dentre o grupos de carimbó vigentes em Belém, Oséas Ribeiro citou o Conjunto de Carimbó “Sancari” e o “Raízes de Cafezal”, já os que findaram em anos precedentes, o entrevistado fez referência somente ao conjunto “Irmãos Coragens”, da década de setenta. Além destes, foram feitos vários comentários sobre a presença de conjuntos de carimbó nos distritos de Outeiro, Icoaraci e Cotijuba.

No bairro de Canudos e Curió foi entrevistado o Sr. Raimundo Canuto das Neves, nascido no Município de Marapanim, um dos fundadores do Conjunto de Carimbó “Paramaú” o qual, segundo o mesmo, foi um dos pioneiros da cidade e um dos mais atuantes na década de 1970. Desta entrevista surgiram mais algumas indicações sobre a presença do carimbó na capital do Estado, em áreas periféricas. No entanto, o entrevistado faz referência aos conjuntos de Marapanim – município do litoral paraense – como sendo os que trouxeram, na década de 1960, esta manifestação cultural para a cidade. Segundo ele, até então não existiam conjuntos de carimbó em Belém e só passaram a existir quando houve a promoção de eventos festivos organizado principalmente por marapanienses residentes em Belém. O Sr Raimundo conta que um dos conjuntos pioneiros foi “Os Brasas” de Cantídio Braga, cantor e compositor de

Marapanim, parceiro de letras de “mestre” Lucindo (também marapaniense e que se tornou um dos nomes mais conhecido no Estado em relação ao carimbó), ainda segundo o entrevistado, é somente mais tarde que irão surgir os grupos “O Uirapurú” de “mestre Verequete”, originalmente no atual distrito de Icoaraci, e logo depois o conjunto de Pinduca¹, seguido pela fundação do Conjunto de Carimbó “Paramaú”

Este grupo surge com a mesma característica da formação de outros nos arredores da cidade de Belém: a partir da reunião de pessoas oriundas principalmente de Marapanim (mas também de Curuçá) moradores de Belém. Este fato dá indicações de uma possível gênese desta manifestação na capital do Estado, restando apenas reunir mais documentos para se comprovar esta hipótese. Porém, já se observa, pelo material reunido pela equipe de pesquisadores, um grande número de referências bibliográficas e de jornais antigos que dão conta deste fato histórico sobre o carimbó em Belém.

As apresentações do conjunto de carimbó “Paramaú” também vão de encontro ao já relatado por representantes de outros conjuntos já entrevistados e nos dão indicações de como tais grupos se reproduziram a partir de eventos festivos localizados principalmente na periferia da cidade. O Sr Raimundo Canuto descreveu os principais lugares onde o grupo se apresentava: Bar “São Jorge”; “Casa Navio”; “Lapinha”, “Xodó”. Porém, havia uma programação anual onde os grupos se apresentavam em lugares freqüentado pela alta sociedade, como a Assembléia Paraense, mas esses eventos eram pontuais, sendo a maior parte das apresentações realizadas, como já dito, nas áreas mais afastadas do centro urbano. Tocaram ao vivo na rádio “Liberal AM”; nas quadras juninas e “ruas de lazer”; em festas com cobertura de “aparelho” (equipe de som): “Flamengo”, “Bota-Fogo”, “Santos” e “Fluminense”; em eventos na Praça da República; e no arraial do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no mês de outubro. Raimundo destaca que no início da carreira, o grupo costumava tocar nos bares do bairro de Canudos até as três horas da madrugada (horário em que a polícia fechava os bares do local) quando saíam para tocar nas boates do entroncamento (trecho da divisão entre os municípios de Belém e Ananindeua). Por ocasião de uma dessas apresentações na madrugada, eles assistiram a uma apresentação do conjunto de carimbó do “Nego Oróia” do Município de Curuçá. No interior do estado tocaram em atividades culturais em Marapanim (onde ficaram em primeiro lugar num dos festivais de carimbó), São

¹ Lucindo, Verequete e Pinduca compõem a tríade que virou referência popular sobre o carimbó no Estado do Pará, sendo os nomes mais conhecidos e reverenciados pelos conjuntos de carimbó atuais.

Caetano de Odivelas (recorrentemente nos festejos de passagem de ano), Peixe-Boi, Vigia, Capanema, Igarapé-Açú, Ourém e Barcarena.

O trajeto histórico do Paramaú se confunde com os demais grupos que existiram neste período (décadas de 1960 e 1970) e demonstram uma configuração espacial onde o carimbó foi se alastrando pela cidade de Belém

Conjunto Paramaú - Praça da República – 1977
(arquivo do grupo)



Um dos fatos mais interessante desta entrevista foi a referência feita por Raimundo Canuto ao nome da importante folclorista Maria Brígido que ajudou na organização e produção do LP gravado pelo grupo em 1975 no estúdio da rádio Raulland. Maria Brígido também montou um grupo de dança (com doze pares de integrantes) para o conjunto e articulou diversos contratos para apresentações do mesmo em eventos em outros estados, tais como Roraima, Ceará e São Paulo. Entre as coreografias apresentadas pelo grupo de dança (que, com a saída da folclorista da coordenação do grupo, foi desativado), destacava-se “o peru” e “o jacaré-coroa”.

Raimundo destaca que apesar do apreço que o público de Belém tem pelo carimbó, é no interior que há uma maior afinidade das comunidades com a manifestação. Segundo o tocador, o carimbó, em Belém, nunca esteve associado a festividades de santos, como ocorre em diversas localidades do interior do estado; além

disso, o carimbó antigo era mais ritmado e não tinha o breque de samba tocado hoje em dia.

Nos mês de janeiro foram entrevistados o Sr. Venâncio Oeiras Castro, morador do bairro de Canudos, natural do Município de Marapanim, ex-participante do Conjunto “Paramaú”, ex-integrante da Comissão de Proteção e Defesa do Folclore, da qual faziam parte os intelectuais Pedro Tupinambá, Cláudio Lobato, Moraes Rêgo, Jesus de Paes Loureiro, entre outros, e fundador do grupo parafolclórico “Os Baioaras”, e Raimundo Hélio Peres de Castro, morador do bairro do Jurunas, banjista com passagem por vários grupos de Belém, acompanhou “mestre Verequete” em boa parte de sua carreira e atualmente integra o Conjunto “Grão-Pará”.

Em fevereiro foi entrevistado o Sr. Mário Neves do Nascimento, morador do bairro da Marambaia, fundador e representante do extinto conjunto de carimbó “Os Brasas da Marambaia”, um dos mais famosos conjuntos da década de setenta e início da década de oitenta. Além dele, Lucas Pacheco Bragança e Jason da Silva Leão, participantes e representantes do conjunto de carimbó “Sancari”, do bairro da Pedreira, constituído por pessoas oriundas do Município de Cachoeira do Ararí, na Ilha do Marajó, e da localidade de Cafezal, pertencente ao Município de Magalhães Barata, no Salgado paraense.

Ainda no bairro da Pedreira, foi entrevistada a Sra. Ionete da Gama que canta, atualmente, com o grupo de rock Coletivo Rádio Cipó e é uma das representantes do conjunto Raízes do Pará. Para ela quem “sustenta” a cultura do carimbó é a população do interior do Pará, sobretudo da região do Salgado paraense, onde o carimbó tem a ver com o contexto da pesca e do litoral. Diferente do carimbó cantado no Marajó (influenciado pelas festividades de São Sebastião) e do chamado carimbó praieiro (da região do salgado), tem-se o carimbó da água doce, cantado por Dona Ionete, que vem da região do baixo Tocantins, onde o carimbó possui outros contornos, bastante influenciado pelas ladainhas, pelas festividades de santos e pela influência africana. Neste sentido, na região do Salgado se tocava o carimbo praieiro, o carimbó marajoara seria tocado na Ilha de Marajó, e no baixo-tocantins haveria o carimbó chamegado, ou carimbó da água doce. Desse modo, o estilo de carimbó cantado por Dona Ionete vem dos municípios de Cametá e Igarapé Miri. Segundo a entrevistada, o carimbó chamegado é influenciado pelo lundu, bangüê, síriá, tambor de nagô e toadas de boi-bumbá, além de mazurcas e sambas de cacete.



Ionete da Gama, a Dona
“Onete”, em sua residência.

Equipe INRC Carimbó 2010

O mês de fevereiro, por conta do carnaval, foi o que menos possibilitou a realização de entrevistas na cidade, no entanto, a equipe concentrou-se no preenchimento de fichas das entrevistas já realizadas nos meses anteriores.

No mês de março, foram contatados músicos e cantores da cidade de Belém que tem ou tiveram alguma relação com o carimbó. Neste sentido, conseguiu-se agendar e realizar entrevistas com o Sr. Raimundo Leão, o famoso “Mestre Curica”, morador do bairro do Jurunas e um dos mais atuantes banjistas de conjuntos de carimbó da cidade. Além dele, também foi entrevistada a Sra. Maria Nazaré Pereira, mais conhecida por seu nome artístico: “Nazaré Pereira”, que nos concedeu entrevista no próprio prédio da Superintendência do Iphan no Pará. Importante cantora de gêneros musicais brasileiros e que fez muito sucesso com o carimbó durante a década de oitenta. Atualmente mora em Paris (França) onde continua atuando como cantora de música brasileira.

No início do mês de abril foram realizadas as duas últimas entrevistas deste trabalho. A primeira com o Sr. Manoel Ferreira Pantoja, conhecido por seu nome artístico “Pantoja do Pará”, é uma das referências de músicos de instrumento de sopro (saxofone) do Estado no que se refere principalmente aos gêneros musicais populares bastante apreciados na região estudada. Dentre tais gêneros, o carimbó é um dos mais gravados e tocados pelo músico cujo possui cinco LP’s gravados, em todos há faixas de carimbó. A segunda entrevista foi feita com o Sr. Aurino Quirino Gonçalves, o famoso “Pinduca”, cantor e compositor que se tornou o nome mais conhecido, quando se fala em carimbó no país e fora dele. A entrevista foi realizada em sua residência localizada no bairro do Guamá onde o mesmo relatou toda a sua história musical e sua relação com o carimbó (ver ficha de bens culturais).

Em relação a prática do carimbó na capital do Estado do Pará há de se considerar, em primeiro lugar, o encontro de uma diversidade de manifestações culturais existentes na cidade quase que impossível de ser enumeradas. As práticas mais antigas referentes a este segmento cultural começam pelos grupos de bois-bumbá, os cordões de pássaros e as quadrilhas juninas, todas com datações históricas indeterminadas, porém é no século XVIII que se tem os primeiros registros dessas manifestações. O carimbó tal qual ainda é verificável principalmente com os grupos da zona do Salgado Paraense, chega a Belém na primeira metade do século XX quando da imigração de pessoas oriundas do interior do Estado, notadamente da referida Zona. As indicações e os relatos feitos pelos entrevistados, além do que se pode verificar na bibliografia e documentos disponíveis para o INRC/Carimbó da Mesorregião Metropolitana de Belém, demonstram uma cronologia histórica deste bem cultural na cidade, onde se observa um nascimento (primeira metade do século XX), pois surgem os primeiros grupos nas áreas mais afastadas da cidade encabeçados por praticantes do carimbó vindos do interior do Estado. Na década de 1970 acontece o apogeu dos grupos de carimbó, quando uma explosão de grupos na cidade que passam a gravar LP's, participam de programas de rádio e televisão, momento em que também alguns grupos fazem as primeiras adaptações com instrumentos elétricos como contra-baixo e bateria. Em 1980-1990, verifica-se a decadência, uma vez que os grupos perdem importância e espaço para outros formatos musicais mais “modernos”. Atualmente há uma insipiente tentativa de retomada com o retorno dos festivais de carimbó pelo interior, bem como, uma revalorização proposta por grupos de música contemporânea e artistas renomados. Tal retomada também pode ser entendida como fruto de um processo de revalorização das manifestações tradicionais que vem acontecendo em âmbito mundial como forma de contraponto ao que alguns intelectuais entendem em relação à unificação ou homogeneização cultural que vem sendo imposto pela indústria cultural desde o final da década de oitenta².

Belém, assim como quase todas as grandes metrópoles, constitui-se como uma cidade em constante transformação em todas as áreas de seu funcionamento (econômico, político, social e cultural). As mudanças culturais, decorrentes dessas transformações na cidade, podem ser observadas, através das formas de uso e apropriação (característica das grandes cidades) de seus bens culturais. Neste sentido, é

² Para saber mais ver: YÚDICE. Geórgie. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2004.

notório, no caso específico das manifestações culturais como o carimbó, o modo pelo qual este bem foi, paulatinamente, perdendo espaços e público. A dinâmica de uma manifestação cultural em uma grande cidade como Belém é bem diferente do que ainda pode ser observado em algumas localidades do interior do Estado. As práticas culturais não são contextualizadas nos rituais religiosos e seculares com acontecimentos pontualmente determinados, por outro lado, as mesmas passam a seguir uma ordem que segue o movimento cultural da cidade. Assim, o carimbó, como um dos bens culturais ainda praticados na cidade, segue as mesmas determinações e não deve ser visualizado, no caso de Belém, como uma referencia cultural do interior presente na cidade. Cabe aos órgãos e instituições responsáveis pelo fomento das práticas culturais na cidade perceber suas dinâmicas mais a fundo, no sentido de compreender seu papel no atual momento histórico onde há um movimento planetário de busca por aquilo que os lugares significam a partir de suas vivências e experiências mais autênticas.

No que confere aos principais problemas enfrentados pelos grupos e/ou conjuntos de carimbó em Belém, há uma unicidade discursiva quanto à falta de apoio por parte do poder público (municipal e estadual) no que concerne, dentre outras coisas, a possibilidades de aproveitamento do carimbó como um dos ícones da cultura popular paraense no sentido de se criar espaços na cidade para que o mesmo possa ser visto, já que, segundo a maioria dos entrevistados, o carimbó (em sua versão mais tradicional, também chamado “raiz”) só pode ser visto no interior do Estado, principalmente na cidade de Marapanim. Além disto, há uma tendência por parte dos órgãos de turismo de simular o que ainda resta de mais autêntico no carimbó através do uso de grupos chamados de “releituras” nos principais pontos turísticos da cidade. Os acessos a espaços públicos, à mídia em geral, a falta de apoio e instrução para a formatação de projetos, o não aproveitamento dos saberes daqueles considerados fontes mais antigas do carimbó na cidade, o cada vez menor número de grupos de carimbó “pau-e-corda” (como também são identificados os grupos tradicionais), são algumas das principais reivindicações dos grupos e pessoas envolvidas na manifestação.

A ausência de espaços para a prática do carimbó em Belém é um problema crônico de insensibilidade por parte dos governantes por uma demanda legítima não só por parte dos grupos, mas também por quem visita a cidade. Mesmo nos bairros periféricos, onde estão localizados a grande maioria dos grupos, não há (exceto no Distrito de Icoarací) uma única opção de se apreciar tal prática. Devido este quadro sobram queixas por parte dos grupos.

Em Belém ainda é possível encontrar com personalidades históricas do carimbó cujos saberes vão se perdendo no tempo e com eles toda uma possibilidade de se compreender a história da constituição desta manifestação na cidade. Neste sentido, a documentação iniciada pelo INRC/Carimbó, pode vir a ser aproveitado como fonte primária de futuras pesquisas e base de informação para a formulação de políticas públicas mais eficientes para as manifestações culturais que ainda persistem na capital do Estado.

Dentre as principais evidências históricas da prática do carimbó no entorno da cidade de Belém, foram destacadas algumas referências da existência de grupos e pessoas que se destacaram nesta manifestação. A partir dos relatos dos entrevistados, tentou-se organizar cronologicamente o surgimento, o desaparecimento e o ressurgimento de grupos de carimbó, notadamente a partir da década de 1960. Note-se que tais referências temporais estão sendo investigadas em bases bibliográficas sobre o bem cultural sendo, portanto, ainda passíveis de correções.

1960

Década de 1960 – Primeira roda de carimbó em Icoaraci, no terreiro da casa de dona Melentina, embaixo de uma grande mangueira (com grupo de Marapanim convidado por “Gamba”, amo do boi-bumbá “Pingo de Ouro”).

1962 – Roda de carimbó no km 23 de Vila do Pinheiro (atual vila de Icoaraci) promovida por Antônio “Curuçá”

1968 – Apresentação de grupos de carimbó de Marapanim, entre eles o conjunto “Os Brasas” de Cantídio Braga no bairro da Guanabara – município de Ananindeua

1970

1970 – Festa de carimbó do seu “Mico” no bairro do Tenoné (próximo ao distrito de Icoaraci)

1970 – Roda de carimbó na casa de Verequete na 7ª rua em Icoaraci, com a presença do compositor Lourenço Franco.

1970 – Fundação do conjunto “Uirapuru da Amazônia” de Verequete

1970 (por volta de) – Fundação do conjunto Paramaú

1970 (década) – Disco de Verequete é tocado no programa “Patrulha da Cidade” de Ronaldo Franco, da rádio Marajoara

1970 (década) – Apresentação do conjunto do Nego Oróia de Curuçá – em uma boate no entroncamento (Belém- Ananindeua)

1970 (década) – Primeiro LP de mestre Lucindo

1970 – Conjunto Brasas Vivas (Icoaraci) Sargento Enéas

1970 – Programa “Alô Alô Interior” na rádio PRC-5 – tocava carimbó

1970 – Os conjuntos “Caçulas de Jarandeuá” (Marapanim) e “Tentadores de Arsênio” (Marapanim) tocavam no bairro da castanheira

1970 (década) – Vavá da Matinha tocava merengue e carimbó estilizado

1971 – Conjunto “Santa Luzia” (periferia de Belém)

1971 – Conjunto “Águia Negra” (ainda sem este nome) participa de festival de música da rádio Marajoara

1971 – primeiro LP do Uirapuru de Verequete

1971/73 – primeiro LP do Pinduca

1972 – LP “Ver-o-Peso” (produzido por Milton Yamada) com uma faixa de carimbó de Lourenço Franco

1973 – Fundação do conjunto “Brasas da Marambaia”

1974 – Lançamento do 1º compacto do conjunto “Brasas da Marambaia”, com produção de Carlos Santos

1975 – Conjunto “Brasas da Marambaia” (carimbó e bolero) tocavam na boate Peixe-frito, na sede do São Joaquim, no Pedro Barreiro, no Palácio dos Bares, na rádio Clube

1975 – O conjunto “Uirapuru” de Verequete fez uma apresentação no salão de festa “Palhoça”, no município de Marituba (localidade que na época pertencia ao município de Ananindeua)

1975 – O conjunto “Os Brasas da Marambaia” fez uma apresentação no salão de festa “Palhoça”, no município de Marituba

1975 – Primeiro LP do conjunto “Paramaú”

1975 – Conjunto “Paramaú” tocava no Cine China e Cine Paraíso, na sede do Clube Ouro Negro na travessa Humaitá no bairro da Pedreira

1976 – Lançamento do LP “Gabriela” do conjunto “Brasas da Marambaia”

1977 – Lançamento do Compacto duplo do conjunto “Brasas da Marambaia”

1977 – Fundação do conjunto “Irmãos Coragem”

1978 – Lançamento do LP “Carimbó só no Pará” do conjunto “Brasas da Marambaia”

Entre final da década de 1970 e início da década de 1980 – Primeiras “rodas” de carimbó promovidas no Município de Santa Bárbara por uma família de tocadores migrantes das proximidades das localidades de Pacoval e Marapanim

1980

1980 – Disco do Verequete tocava na rádio AM PRC-5

1982 – Gravação do disco (que não foi lançado) de Verequete no estúdio da rádio Raulland

1984 – Fundação oficial do conjunto “Águia Negra”

1984 – Fundação do conjunto “Grão-Pará” (anteriormente denominado “Os Coroas”), desativado em 1994

1985/86 – Gravação do LP do conjunto “Irmãos Coragem”

1987 – O conjunto “Brasas da Marambaia” foi desativado

Final da década de 1980 – os integrantes do conjunto “Irmãos Coragem” participaram da gravação de um LP de Nazaré Pereira

1990

1992 – Gravação do CD de Verequete através da articulação do banjista Hélio de Castro, gravado no estúdio da rádio Cultura, com produção da Fundação Tancredo Neves. O disco contou com a participação de Mário Neves, ex-vocalista do conjunto “Brasas da Marambaia”

Década de 1990 – Os integrantes do conjunto “Irmãos Coragem” participaram da gravação de um CD do Verequete

1996 – Fundação do conjunto “Sancari” (componentes de Cachoeira do Arari – Marajó, de Marapanim e Cafezal – Magalhães Barata)

1996 – Fundação do conjunto “Unidos do Paraíso” no município de Santa Bárbara

2000

2004 – Fundação do conjunto “Amigos do Carimbó” (no bairro “Águas Lindas” no município de Ananindeua (com a participação de Mário Neves, ex-líder do conjunto “Brasas da Marambaia”, hoje desativado)

2004 – Reativação do conjunto “Grão-Pará” pelo bajista Hélio de Castro

2009 – Apresentação dos conjuntos “Amigos do Carimbó” (Ananindeua), “Unidos do Paraíso” (Santa Bárbara), “Sancari” (Belém) e “Grão-Pará” (Belém) juntamente com grupos do interior do estado no Fórum Social Mundial

Resumo dos bens culturais identificados:

- Localidades com grupos de carimbó em Belém até agora identificados: Icoaraci, Tenoné, Jurunas, Canudos, Pedreira, Telégrafo e Curió
- Localidades com grupos de carimbó em Ananindeua: Águas Lindas, Júlia Seffer, Coqueiro (Cidade Nova)
- Município de Santa Bárbara: conjuntos “Unidos do Paraíso” e “Estrela do Horizonte”
- Conjuntos da década de 1960: conjunto do Antônio Curuçá (km 23 Icoaraci); Uirapuru de Verequete
- Conjuntos da década de 1970: Paramaú, Brasas Vivas, Águia Negra, Irmãos Coragem e Brasas da Marambaia.
- Conjuntos da década de 1980: Grão-Pará
- Conjuntos da década de 1990: Sancari
- Conjuntos de 2000: Raízes de Cafezal, Raízes do Pará, Grão-Pará (segunda formação),
- Caçulas da Vila, Os Africanos, Os Curupiras, Paramurú, Fogo Fagô (estilizado) e Pindorama

Considerações finais sobre o INRC/Carimbó Mesorregião Metropolitana de Belém:

Após o término deste Levantamento Preliminar, tem-se uma amostra sobre a incidência do bem cultural Carimbó na Mesorregião Metropolitana de Belém. As referências em fontes secundárias somadas à coleta de dados sobre o objeto pesquisado em campo proporcionou a montagem de um quadro a respeito da situação atual do carimbó nesta região. Desta forma, identificou-se um número significativamente maior de grupos e pessoas relacionadas ao carimbó na cidade de Belém e seu entorno.

Em Belém, a configuração histórica e espacial dos grupos de carimbó, nos dão uma noção de tradição (entendida aqui pelo aspecto temporal de reprodução de um bem ou manifestação cultural com características singulares), a partir dos caminhos e meandros percorridos até a efetivação do ritmo, música e dança do carimbó como um dos mais importantes e legítimos dos bens culturais do Estado. Esta configuração segue o mesmo percurso da “chegada” do carimbó em Belém através de pessoas que o “trouxeram” de outros lugares.

Os principais pontos apontados como importantes pólos de reprodução inicial da prática do carimbó estão localizados nas imediações de Belém, notadamente o Km 23 da Rodovia Augusto Montenegro, o atual distrito de Icoaraci, a localidade de Pindorama no atual Município de Ananindeua e na área onde atualmente está o Município de Marituba. Em seguida, formaram-se pontualmente grupos em locais mais próximos da cidade, porém em sua periferia imediata da época (décadas de 1960 e 1970) como os bairro do Guamá, Marco, Jurunas e Pedreira. Na década de setenta, alguns dos grupos já estabelecidos na cidade passam a se incrementar com o uso de instrumentos elétricos como contra-baixo, bateria e guitarra, alguns deles com forte influência das bandas de “jazzi” existentes até então. Com isso, o ritmo explode na capital do Estado e também em boa parte do Brasil. É importante frisar que os grupos “raiz” ou de “pau-e-corda” continuam existindo em Belém, mas sem o mesmo sucesso dos que se modernizaram, nos conta Aurino Quirino, o “Pinduca”. Na década seguinte, os grupos sofrem uma decadência em função de novos formatos de entretenimento, é quando ganha impulso os grupos denominados parafolclóricos, de performance em forma de espetáculo com corpo de dança e indumentárias variadas.

A grande maioria dos grupos de carimbó, tanto o “moderno” quanto o “raiz” deste período desaparece, restando os mais persistentes que fazem parte do segundo

segmento. Atualmente, há uma revalorização do carimbó, enquanto expressão musical, onde o ritmo ganha novas roupagens através de grupos musicais contemporâneos que experimentam misturas de ritmos regionais com a chamada *world music*. No entanto, os grupos de formato tradicional e parafoclóricos continuam a existir e, com a mobilização em torno da Campanha “*Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro*”, os eventos e a realização de rodas de carimbó pela cidade vem ganhando espaço, porém ainda sem locais adequados.

O trabalho de pesquisa sobre o Levantamento Preliminar do Carimbó até aqui realizado (microrregião do Salgado Paraense e seus 11 Municípios e mesorregião metropolitana de Belém, também com 11 Municípios), tem proporcionado uma compreensão deste bem cultural bastante significativa no que concerne a sua importância material e simbólica para as pessoas e grupos que o praticam, bem como, para a sua área de incidência onde o mesmo é apropriado discursivamente, por um lado, como ícone de uma identidade regional, e por outro, como produto a ser exposto como uma das iguarias que o Estado tem a oferecer. Este último aspecto está mais explícito nas propagandas veiculadas pelos órgãos de turismo do Estado, bem como de alguns Municípios. No entanto, este trabalho vem identificando e principalmente documentando as nuances envolvidas neste bem cultural que pode ainda ser tratado como manifestação cultural, na medida em que a grande maioria dos grupos reelaboram cotidianamente suas práticas culturais em torno de ações que independem de pré-determinações instituídas pela indústria cultural.

O trabalho tem se pautado principalmente na construção de um acervo documental que poderá vir a ser uma fonte inicial para futuras pesquisas, o qual é uma de suas diretrizes. O INRC, neste sentido, constitui-se como uma importante ferramenta de apreensão da realidade cultural dos grupos sociais. No entanto, com o intuito de se aprimorar seu funcionamento, é necessário se fazer algumas considerações quanto à sua aplicação bem como as condições de pesquisa ora vigentes. Dentre algumas das dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho, citaremos algumas mais proeminentes.

A primeira delas diz respeito a aplicação do pedido, junto aos entrevistados, de assinatura do documento de *Autorização de Uso de Imagem* dos mesmos. Tal fato se refere ao teor técnico do texto que tem causado embaraços à equipe de pesquisadores no momento em que os entrevistados requerem sua leitura e explicação de seu conteúdo. Por mais que haja uma “decodificação” ou uma tentativa de “tradução” do texto, há, por

vezes, uma sensação de desconfiança por parte do entrevistado, o qual, em alguns casos, se negam a assinar. Desta forma, a confecção de um documento cujo texto seja menor e mais simplificado seria de grande valia para facilitar a aplicação deste documento.

A segunda consideração se refere às delimitações do sítio a ser pesquisado e o tempo disposto para a realização do trabalho. Em alguns INRC's cujas áreas são muito extensas (como no caso do Estado do Pará), tem se adotado os critérios de identificação a partir da subdivisão territorial proposta pelo IBGE em Microrregiões para um melhor aproveitamento dos levantamentos que são necessárias coletas *in loco* (caso da maioria das manifestações culturais do Pará por serem escassas as referências bibliográficas e documentais). Assim, para o trabalho do INRC/Marajó realizado entre 2004 e 2006, o trabalho foi realizado em duas microrregiões, uma após a outra. No INRC/Carimbó – microrregião do Salgado Paraense realizado em 2009, por ser uma área bastante extensa, o trabalho foi dividido em duas etapas, já que este sítio possui 11 Municípios. Já o presente trabalho foi realizado em uma mesorregião, envolvendo duas microrregiões (Castanhal e Belém) que juntas, também possuem 11 Municípios. Desta forma, ficou definido pelo órgão contratante que em um mesmo período de tempo (5 meses) deveria ser realizado na mesorregião Metropolitana de Belém (11 Municípios) o mesmo realizado em metade da microrregião do Salgado Paraense (5 Municípios), sendo que, no caso da mesorregião em questão, o Município de Belém possui distritos que por vezes estão mais afastados que alguns Municípios vizinhos como Santa Bárbara do Pará que está a 1 hora de carro de Belém, enquanto que o distrito de Mosqueiro está a 1 hora e 40 minutos.

O bem cultural pesquisado possui sua maior incidência na região Nordeste do Estado do Pará, assim, a grande maioria das pessoas e grupos envolvidos nesta manifestação está localizada nas duas grandes regiões até aqui pesquisadas. As demais regiões, identificadas conforme o grau de incidência deste bem cultural ainda não foram pesquisadas: microrregião Cametá (7 municípios), microrregião Tomé Açu (5 municípios), microrregião Guamá (13 municípios), microrregião Bragantina (13 municípios).

Estas microrregiões possuem o bem cultural disperso em seus Municípios. Porém, é só com as referências locais que se terá a noção da existência do mesmo. Com esses levantamentos a serem realizados, encerra-se o Levantamento Preliminar de todo o nordeste paraense. Sendo ainda necessário, verificar as indicações de fontes primárias quanto a possível incidência desta manifestação nas demais regiões do Estado do Pará.

BIBLIOGRAFIA

A onda brega. In: O Liberal. Belém, 25 de agosto de 1997.

A projeção do brega. In: O Liberal. Belém, 08 de fevereiro de 1999.

AGUIAR, Carlos Alberto de. *Brega: um ritmo pai-d'égua d'mais.* Belém, 1999.

AMARAL, Assunção José Pureza do. *Chama Verequete: etnografia da trajetória e das vicissitudes de um compositor negro paraense.* Belém, 1995. (Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará).

AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro do. *A cultura popular paraense no currículo de uma Licenciatura.* Rio de Janeiro, 1999. (Monografia de Pós-Graduação latu-sensu em Educação Musical – Conservatório Brasileiro de Música).

_____. “O Carimbó de Belém: música e dança popular paraense, da cheia à vazante da maré”. In: II Jornada de Pesquisa – Pós-graduação – IA-UNESP. São Paulo, 11 de novembro de 2000. pp. 12-13.

Amazônia musical. In: O Liberal. Belém, 16 de fevereiro de 2000.

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira.* São Paulo, Martins, 1962 (Obras completas de Mário de Andrade).

Brega. In: O Liberal. Belém, 19 de dezembro de 1999.

Brega. In: O Liberal. Belém, 06 de março de 2000.

Carimbó. In: A Província do Pará. 2º Caderno. Belém, 19 de maio de 1977.

Carimbó de Marapanim fez sucesso na Praça da República. In: A Província do Pará. 1º Caderno:2. Belém, 22 de agosto de 1976.

Carimbó faz sucesso no México. In: A Província do Pará. 2º caderno:3. Belém, 08 de janeiro de 1977.

Carimbó fez alegria da Festa do Pará. In: Correio Brazieliense. Variedades: 18. Brasília, 05 de junho de 1980.

Carimbó, o ritmo dos terreiros para os salões elegantes. In: A Província do Pará. 3º Caderno:11. Belém, 04 de abril de 1976. (*)

CARVALHO, Márcia. *Carimbó cibernético renega raízes.* In: O Liberal. Variedades: 3. Belém, 17 de setembro de 1995.

CASTRO, Esiel Silva de. O Carimbó e seus principais representantes. Belém, Universidade do Estado do Pará, 1999.

DAMOUS, Jamil. Carimbó provoca uma explosão musical em Belém. In: A Província do Pará. 2º Caderno: 6. Belém, 17 de dezembro de 1973. (*)

Dança: Grupo Folclórico do Pará. In: O Estado do Pará. 2º caderno: 7. Belém, 18 de outubro de 1978.

Dom do Carimbó faz temporada em Brasília. In: Correio Braziliense. – 15. Brasília, 11 de dezembro de 1975. (*)

Encontro de Folclore. In: O Estado do Pará. 2º Caderno: 12. Belém, 18 de agosto de 1978. (*)

FALCÃO, Jandete Maria Souza. A urbanização da música regional: o Carimbó de Marapanim e o Carimbó da cidade de Belém. Belém, 2001. (Monografia de Graduação – Universidade Federal do Pará).

FERNANDES, Sérgio Otávio Contente. Verequete e o Carimbó. Belém, 1999. (Monografia de Graduação – Universidade do Estado do Pará).

FONSECA, Ribamar. Quando toca o carimbó, ninguém fica parado. In: Jornal do Brasil. Caderno B. Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1975. (*)

Folclore. In: A Província do Pará. 2º Caderno: 12. Belém, 18 de agosto de 1978. (*)

Folclore não tem apoio. In: *O Liberal*. 1º Caderno: 12. Belém, 23 de agosto de 1979.

KIEFER, Bruno. *A modinha e o lundu, duas raízes da música popular brasileira*. Porto Alegre, Movimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977. (Coleção Luís Cosme, v. 9).

LAMAS, Dulce Martins. “Música folclórica”. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. No. 29, Ano XV, s.l., 1975. p. 60. (pp. 55-67).

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *As composições do Uirapuru: experiências do cotidiano expressas em letras do Conjunto de Carimbó de Verequete*. Belém, 1999. (Monografia de Especialização em Teoria Antropológica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará). p.05.

LOPES, Maria Vilhena. *Folcloricando*. Belém, Supra, 1999.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Algumas notas sobre Carimbó*. In: Folha do Norte. 3º Caderno. Belém, 22 de julho de 1973.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky, “et alii”. *Inventário cultural e turístico da micro-região do Salgado*. Belém, Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Estado do Pará, 1979.

MACHADO, Mario Brockmann. “Notas sobre política cultural no Brasil”. In: Estado e Cultura no Brasil. Sergio Miceli (Org.). São Paulo, DIFEL, 1984.

MACHADO, Serzedello. *Carimbó, dança do meu povo*. In: A Província do Pará. 4º Caderno. Belém, 18 de novembro de 1973.

MACIEL, Antonio Francisco de A. *Carimbó – Um canto caboclo*. Campinas, 1983. (Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica).

MARIALVA, Maria Frassinette Corrêa. *Pinduca e a comercialização do Carimbó*. Belém, 1995. (Monografia de Graduação – Universidade do Estado do Pará).

Marujada e Carimbó. In: O Liberal. 1º Caderno: 12. Belém, 18 de agosto de 1978. (*)

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossário paraense (coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó)*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1968. p. 20 (Coleção Amazônica – Série Ferreira Pena). 98p.

MODESTO, Márcia. “A influência negra na dança e no canto paraense”. In: Revista Cultura. Publicação trimestral da Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”. Ano I, No. 3, março/abril/maio. 1988. p. 18.

MORAES, Raymundo. *O meu diccionario de cousas da Amazonia*. I volume. Rio de Janeiro, Alba Officinas Graphics, 1931. p. 116 (203p).

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará*. Belém, Secult/PA, 1997.

Música paraense. In: O Liberal. Belém, 28 de junho de 1999.

Música paraense ganha associação. In: O Diário do Pará. Caderno: D. Belém, 07 de outubro de 1999.

Música popular. In: Jornal do Brasil. Caderno B – 12. Rio de Janeiro, 04 de abril de 1976. (*)

O carimbó e sua origem será lançado em Belém. In: O Liberal. Belém, 09 de setembro de 1973.

OLIVEIRA, Alfredo. *Ritmos e Cantares*. Belém, SECULT, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Os intelectuais, a nação e o povo”. In: Seminário folclore e cultura popular: as várias faces de um debate”. Instituto Nacional do Folclore, Coordenadoria de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, IBAC, 1992. pp. 69-74.

OLIVEN, Ruben George. “A relação Estado e cultura no Brasil: cortes ou continuidade?” In: Estado e Cultura no Brasil. Sergio Miceli (Org.). São Paulo, DIFEL, 1984.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Paraenses ganharam o Festival de Folclore. In: A Província do Pará. Belém, 1º de setembro de 1974. (*)

PINDUCA: “sou mesmo o rei do carimbó”. In: O Liberal. 2º Caderno: 5. Belém, 21 de maio de 1978. (*)

Pinduca lança oitavo LP. In: O Liberal. 1º Caderno: 12. Belém, 20 de setembro de 1979. (*)

Pinduca, que já venceu o Rei, quer mesmo é agradar o povão. In: O Liberal. 1º Caderno. Belém, 30 de setembro de 1979. (*)

ROSÁRIO, Ubiratan. *Cultura brasileira*. 2ª ed. Belém, CEJUP, 1993.

_____. *Dia do Folclore: medalha para Maria Brígido*. In: A Província do Pará. 2º Caderno. Belém, 21 e 22 de agosto de 1994.

_____. *Síntese étnico-histórica do estudo do “Carimbó”*. In: A Província do Pará. 3º Caderno: 4. Belém, 24 de fevereiro de 1974.

SILVA, Conrado Pereira da. *Exportando o carimbó*. In: O Dia. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976.

SOBRAL, Raimundo Mário. *Eliana Pitman gamou no Pinduca*. In: A Província do Pará. Belém, Caderno Feminino – 3. Belém, 15 de setembro de 1974. (*)

“Sou mesmo o rei do carimbó”. In: O Liberal. 2º Caderno: 5. Belém, 21 de maio de 1978.

SQUEFF, Ênio & WISNIK, José Miguel. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

SILVA, Conrado Pereira da. *Exportando o Carimbó*. In: O Dia. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976. (*)

TINHORÃO, José Ramos. *Carimbó está aí para caboclo nenhum botar defeito*. In: Jornal do Brasil. Caderno B-2. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1975. (*)

_____. *Carimbó já é ritmo de massa*. In: Jornal do Brasil. Caderno B-2. Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1976. (*)

_____. *O Carimbó chegou (só que de carimbó não tem mais nada)*. In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. I volume. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972. 445p. (Terceira Edição revista e aumentada). p. 227.

CASTRO, Joaquim Amóras. *Noções da história de Marapanim*. Belém, Gráfica e Editora Sagrada Família, 1998.

COELHO, Geraldo Mártires. “História e Identidade Cultural na Amazônia”. In: *A Amazônia e a crise da modernização*. Maria Angela D’incao e Isolda Maciel da Silveira (Orgs.). Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. pp. 177-184. (Coleção Eduardo Galvão).

FALCÃO, Jandete Maria Souza. *A urbanização da música regional: o Carimbó de Marapanim e o Carimbó da cidade de Belém*. Belém, 2001. (Monografia de Graduação – Universidade Federal do Pará).

LAMAS, Dulce Martins. “Música folclórica”. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. No. 29, Ano XV, s.l., 1975. p. 60. (pp. 55-67).

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky, “et alii”. *Inventário cultural e turístico da micro-região do Salgado*. Belém, Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Estado do Pará, 1979.

MACIEL, Antonio Francisco de A. *Carimbó – Um canto caboclo*. Campinas, 1983. (Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica).

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossário paraense (coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó)*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1968. p. 20 (Coleção Amazônica – Série Ferreira Pena). 98p.

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Brasília, Ministério da Cultura; Belém, Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”, 1988.

TUPINAMBÁ, Pedro. *Mosaico folclórico*. Belém, Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1969. p. 35.

COSTA, A. M. D. *Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. 2004. 320f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Lazer e modo de vida: um estudo as sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores*. 1999. 199 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

GABBAY, M. O tecnobrega no contexto do capitalismo cognitivo: uma alternativa de negócio aberto no campo performático e sensorial. *E-Compós*. Brasília: v. 9, p. 1-15, 2007.

GABBAY, M. & AMARAL FILHO, N. O tecnobrega no Rio de Janeiro: uma leitura hegemônica da cultura paraense para as elites cariocas. In: PAIVA, R. & SANTOS, C. (Org.). *Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 131-151.

GARCÍA, L. Le Phénomène “Lambada”: Globalisation et Identité. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, s.l., n. 6, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.nuevomundo.revues.org/index2181.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

GUERREIRO DO AMARAL, P. M. Estigma e cosmopolitismo local: considerações sobre uma estética legitimadora do tecnobrega em Belém do Pará. In: III ENCONTRO DA ABET – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 2006, São Paulo. Anais... 1 CD-ROM.

_____. Estigma, cosmopolitismo e o ser brega: sobre a produção musical do *tecnobrega* em Belém do Pará. In: IV ENCONTRO DA ABET – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 2008, Maceió. Anais... 1 CD-ROM.

236

_____. *O carimbó de Belém, entre a tradição e a modernidade*. 2003. 124f. Dissertação (Mestrado em Música) – UNESP/Instituto de Artes, São Paulo.

_____. Tradição e modernidade no carimbó urbano de Belém. In: VIEIRA, L. B. (Org.). *Música e suas interfaces*. Belém: EDUEPA, 2005, p. 68-84.

LEMONS, R. & CASTRO, O. *Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

LOBATO JÚNIOR, B. *Guitarrada: um gênero do Pará*. 2001. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Artística – Habilitação em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém. 237

MACIEL, A. F. A. *Carimbó – um canto caboclo*. 1983. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

MARTINS, C. Pequena história do brega. *O Liberal*. Belém, 7 mar. 1997. Cartaz, p. 8-9. MODESTO, M. A influência negra na dança e no canto paraense. *Revista Cultura – Publicação trimestral da Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”*, ano 1, n. 3, p. 18, mar/abr/mai. 1988.

NEVES, Jr. “Brega”, de 1980 a 2005: do brega pop ao calypso do Pará. Belém, 22 mar. 2005. Disponível em <<http://www.bregapop.com>>. Acesso em 16 mai. 2005.

RODRIGUES, C. I. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém – PA*. 2006. 281 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SALLES, V. & ISDEBSKY, M. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 25, p. 257-282, set/dez. 1969.

SALLES, Vicente. [Carta] 16 mar. 1989, Brasília [para] José Ramos Tinhorão, s.l. 2p. Sobre a cultura (música) paraense. 240

_____. [Carta] 18 mar. 1990, Brasília [para] José Ramos Tinhorão, s.l. 2p Sobre a cultura (música) paraense.

SILVA, A. Três shows mostram em SP a pororoca musical do Pará. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 mar. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58803.shtml>>. Acesso em: 21 abr. 2006.

_____. Tecnobrega: música paralela. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 out. 2003. Caderno Mais, p. 10-11.

WASHBURN, C. & DERNO, M. In: _____. *Bad Music, The Music We Love to Hate*. New York & London: Routledge, 2004. p. 1-14.

XEXÉO, A. De volta às considerações sobre o brega. *A Província do Pará*, Belém.

DISCOGRAFIA

MESTRE LUCINDO. *Isto é Carimbó!! O Carimbó autêntico gravado em Belém do Pará*. Conjunto Canarinho de Marapanim. Belém, RAULAND (Nº 307.3226), 1974. 1 cassete son.

PINDUCA. *Carimbó e sirimbó de Pinduca*. Pinduca e banda. s.l., Beverly Som e Eletrônica LTDA (AMCLP – 5194), 1973. 1 cassete son.

PINDUCA. *Carimbó e sirimbó no embalo do Pinduca*. v.2. Pinduca e banda. s.l., Beverly Som e Eletrônica LTDA (AMCLP – 5227), 1974. 1 cassete son.

PINDUCA. *Carimbó e sirimbó no embalo do Pinduca*. v.3. Pinduca e banda. s.l., Beverly Som e Eletrônica LTDA (AMCLP – 5295), 1974. 1 cassete son.

PINDUCA. *Carimbó e sirimbó no embalo do Pinduca*. v.4. Pinduca e banda. s.l., Beverly Som e Eletrônica LTDA (AMCLP - 5340), 1975. 1 cassete son.

PINDUCA. *Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó*. v.5. Pinduca e banda. s.l., Som Indústria e Comércio S/A (COELP – 41042), 1976. 1 cassete son.

PINDUCA. *Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó*. v.6. Pinduca e banda. s.l., Beverly Som e Eletrônica LTDA (AMCLP – 5466), 1977. 1 cassete son.

PINDUCA. *Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó*. v.7. Pinduca e banda. s.l., Som Indústria e Comércio S/A (COELP – 41172), 1978. 1 cassete son.

PINDUCA. *Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó*. v.8. Pinduca e banda. s.l., Som Indústria e Comércio S/A (COELP – 411221), 1979. 1 cassete son.

PINDUCA. *Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó*. v.9. Pinduca e banda. s.l., Som Indústria e Comércio S/A (COELP – 41320), 1980. 1 cassete son.

VEREQUETE. *O legítimo carimbó: Verequete e seu conjunto Uirapuru*. Verequete e conjunto. s.l., Companhia Industrial de Discos (CID – 4009), 1974. 1 cassete son.

VEREQUETE. *O legítimo carimbó: Verequete e o conjunto Uirapuru*. v.2. Verequete e conjunto. s.l., Companhia Industrial de Discos (CID – 4013), 1974. 1 cassete son.

VEREQUETE. *O legítimo carimbó: Verequete e seu conjunto Uirapuru*. v.3. Verequete e conjunto. s.l., Companhia Industrial de Discos (CID – 4016), 1975. 1 cassete son.

VEREQUETE. *Conjunto Uirapuru do Verequete (só podia ser)!* Verequete e conjunto. s.l., Som Indústria e Comércio S/A (SP – 3015), s.d. 1 cassete son.

ANEXOS

ANEXO I – LISTA DE BENS CULTURAIS E CONTATOS

BELÉM

01	BELÉM	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Grupo de Tradições Moara	Vigente	Formas de expressão	Bairro Pedreira	Oséas Costa Ribeiro Filho
2	Mestres da Guitarrada Grupo Uirapuru Guitarradas do Pará	Vigente	Formas de expressão	Bairro Jurunas	Raimundo Leão Ferreira Filho “Mestre Curica”
3	Cantora e compositora	Vigente	Formas de expressão	Bairro Pedreira	Ionete da Silveira Gama
4	Cantora e compositora	Vigente	Formas de expressão	Rod Aug. Montenegro KM 12	Maria Nazaré Pereira
5	Grupo Parafolclórico Baioaras	Vigente	Formas de expressão	Bairro Canudos	Venâncio Oeiras Castro
6	Conjunto de Carimbó Irmãos Coragem	Memória	Formas de expressão	Icoaraci	Eduardo Leal de Freitas / Dorival Leal de Freitas / Alacid Martins Freitas
7	Conjunto de Carimbó Paramaú	Memória	Formas de expressão	Bairro Curió/Marco	Raimundo Canto das Neves
8	Conjunto Sancari	Vigente	Formas de expressão	Bairro Pedreira	Lucas Pacheco Bragança / Flávio Amaral do Nascimento / José Américo Monteiro da Silva / Maria Neire da Silva Rocha / Lucieth do Cosorro Nunes Pantoja / Jason da Silva Leão
9	Conjunto Grão Pará	Vigente	Formas de expressão	Bairro Telégrafo	Raimundo Hélio Peres de Castro / Pedro Braga dos Santos
10	Conjunto Os Brasas da Marambaia	Memória	Formas de expressão	Bairro Marambaia	Mário Neves do Nascimento / Cirene Maciel Rosa
11	Conjunto Águia Negra	Vigente	Formas de expressão	Icoaraci	João de Assunção Alves Ribeiro / Maria de Nazaré do Ó Ribeiro
12	Conjunto Vaiangá	Vigente	Formas de expressão	Icoaraci	João de Assunção Alves Ribeiro / Maria de Nazaré do Ó Ribeiro
13	Cantor e Compositor	Vigente	Formas de	Bairro Guamá	Aurino Quirino

			expressão		Gonçalves “Pinduca”
14	Músico instrumentista (saxofone) / Compositor	Vigente	Ofícios e Modos de Fazer	Bairro Almir Gabriel	Manoel Ferreira Pantoja
15	Conjunto Uirapuru	Vigente	Formas de expressão		
16	Cantor e Compositor	Memória	Ofícios e Modos de Fazer		“Verequete”
17	Conjunto Os Tentadores			Bairro Castanheira	Figueiredo
18	Conjunto Brásas Vivas			Icoaraci	Sargento Enéas/ Nazareno
19	Conjunto Raio de Sol			Bairro Jurunas	Itelauto
20	Conjunto os Africanos			Icoaraci	Tomás/ Coutinho
21	Conjunto Paramaru			Bairro Sacramento	Jonas/ Raiol
22	Grupo Parafolclórico Asa Branca				Etelvina
23	Grupo Parafolclórico Sabor Marajoara				
24	Grupo Parafolclórico Frutos do Pará			Icoaraci	Iracema Oliveira/ Nazaré Azevedo
25	Grupo Parafolclórico Curupeté			Outeiro	
26	Grupo Parafolclórico Mapiuari				
27	Grupo Parafolclórico Arte Marajoara			Icoaraci	Manoel Palheta
28	Grupo Parafolclórico Os Curupiras			Bairro Pedreira	David
29	Balé Folclórico da Amazônia				Eduardo
30	Grupo Parafolclórico Igara Marajoara				Fernando Soares
31	Grupo Parafolclórico Sonora Icoaraci			Icoaraci	Waldiney da Silva
31	Grupo Mundé				
33	Grupo Carimbó de Bico				
34	Grupo Carimbó de Bolso				Félix/Antônio
35	Cantor e compositor				“Mestre Vieira”

ANANINDEUA

02	ANANINDEUA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Amigos do Carimbó	Vigente	Formas de expressão	Ananindeua	Manoel Alexandre Costa da Silva / Luiz Gonzaga de Assunção
2	Conjunto Caçulas de Jarandea	Vigente	Formas de expressão	Ananindeua	Renilson e Romário
3	Conjunto Pindorama	Memória	Formas de expressão	Ananindeua	Santinho e Nivaldo
4	Grupo Amazônia	Vigente	Formas de expressão	Ananindeua	

5	Grupo Fogo Fagô	Vigente	Formas de expressão	Ananindeua	Ivan Juvenal
6	FOLCTAM (associação de grupos de Ananindeua)	Vigente		Ananindeua	Elza

MARITUBA

03	MARITUBA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Rouxinol	Memória	Formas de expressão	Marituba	Domingos Neves de Lima
2	Conjunto Originais de Marituba	Vigente	Formas de expressão	Marituba	Rosemário Mendes dos Santos
3	Conjunto do seu Canuto	Vigente	Formas de expressão	Marituba	Canuto
4	Conjunto do Pé-Rachado	Vigente	Formas de expressão	Marituba	Domingos Neves de Lima

BENEVIDES

04	Não foram identificados bens culturais relativos ao carimbó neste Município				
----	---	--	--	--	--

SANTA BÁRBARA DO PARÁ

05	SANTA BÁRBARA DO PARÁ	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Unidos do Paraíso	Vigente	Formas de expressão	Santa Bárbara do Pará	José Maria de Freitas Cordeiro / Raimundo Lopes
2	Grupo Estrela do Horizonte	Memória	Formas de expressão	Santa Bárbara do Pará	Manoel Santana Machado / Edgar Augusto de Aguiar

SANTA IZABEL DO PARÁ

06	SANTA IZABEL DO PARÁ	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Dança da farinha de Tapioca	Vigente	Formas de expressão	Santa Izabel do Pará	Elizabeth Segtowitz
2	Grupo Unidos de Americano	Memória	Formas de expressão	Santa Izabel do Pará	Raimundo Brandão

SANTO ANTONIO DO TAUÁ

07	SANTO ANTONIO DO TAUÁ	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Carimbó da Vila de Bom Jesus	Vigente	Formas de expressão	Santo Antonio do Tauá	Raimundo Nonato
2	Grupo de Dança da Farinhada	Vigente	Formas de expressão	Santo Antonio do Tauá	Rosa Hilda da Veiga Miranda

BUJARU

08	BUJARU	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Canto do Guará	Vigente	Formas de expressão	Bujaru	Bruno dos santos Batista / Ângelo Araújo Batista / José Arimatéia Pereira de Holanda

INHANGAPI

09	INHANGAPI	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto de Carimbó Ribeirinhos	Memória	Formas de expressão	Inhangapi	Cláudio Nazareno da Costa Monteiro

CASTANHAL

10	CASTANHAL	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Conjunto Modelo	Vigente	Formas de expressão	Castanhal	José Dalmácio Lima / José Pinheiro de Lima

BARCARENA

11	BARCARENA	ESTADO	CATEG.	LOCAL	ENTREVISTA
1	Mestres da Guitarrada	Vigente	Formas de expressão	Barcarena	Joaquim de Lima Vieira
2	Companhia de Dança Gibirié	Vigente	Formas de expressão	Barcarena	Roberto da Silva Tavares

ANEXO II – QUADRO DE REGISTROS AUDIO-VISUAL**CONTROLE GERAL**

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC01_0001 à IC01_0007	Conjunto Grão-Pará - Raimundo Hélio Peres de Castro - arq.pessoal	Belém	Jpeg
IC01_0008	Conjunto Grão-Pará - Arq. de Hélio de Castro	Belém	Jpeg
IC01_0009	Conjunto Grão-Pará - Conjunto Grão-Para - primeira formação - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0010 e IC01_0011	Conjunto Grão-Pará - Grupo Frutos do Para- Hélio de Castro	Belém	Jpeg
IC01_0012 à IC01_0014	Conjunto Grão-Pará - Hélio de Castro e Pedro Braga dos Santos	Belém	Jpeg
IC01_0015	Conjunto Grão-Pará - Hélio de Castro II	Belém	Jpeg
IC01_0016 e IC01_0017	Conjunto Grão-Pará - Pedro Braga dos Santos	Belém	Jpeg
IC01_0018 e IC01_0019	Conjunto Irmãos Coragem - Eduardo Leal de Freitas e Alacid Martins de Freitas - Conjunto Irmãos Coragem	Belém	Jpeg
IC01_0020	Conjunto Irmãos Coragem - Arquivo do Conjunto Irmãos Coragem III	Belém	Jpeg
IC01_0021 à IC01_0025	Conjunto Paramaú - arq. do grupo - set 2009	Belém	Jpeg
IC01_0026 à IC01_0031	Conjunto Paramaú - Praça da República - 1977 - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0032 à IC01_0034	Conjunto Paramaú - uniforme	Belém	Jpeg
IC01_0035	Conjunto Paramaú - verso da foto com data - Praça da República - 1977 - arq. do grupo II	Belém	Jpeg
IC01_0036	Conjunto Paramaú - João Canuto das Neves - Conjunto Os Quentes de Terra Alta - irmão de Raimundo Canuto - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0037	Conjunto Paramaú - Raimundo Canuto das Neves - arq. Pessoal	Belém	Jpeg
IC01_0038 à IC01_0042	Conjunto Paramaú - Raimundo Canuto das Neves - Conjunto Paramaú - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0043	Conjunto Irmãos Coragem - Entrevista		Wave
IC01_0044	Conjunto Sancari - instrumentos e troféus	Belém	Jpeg
IC01_0045 e IC01_0046	Conjunto Sancari - troféu	Belém	Jpeg
IC01_0047	Conjunto Sancari	Belém	Jpeg
IC01_0048	Conjunto Sancari - Lucas Pacheco Bragança - Conjunto Sancari- troféus recebidos	Belém	Jpeg
IC01_0049 - IC01_0051	Conjunto Sancari - Lucieth do Socorro Nunes Pantoja - Sancari - corpo de dança	Belém	Jpeg
IC01_0052	Conjunto Sancari - Maria Neire da Silva Rocha - Conjunto Sancari	Belém	Jpeg

IC01_0053 à IC01_0055	Conjunto Sancari - uniforme Conjunto Sancari	Belém	Jpeg
IC01_0056	Conjunto Sancari - uniforme - Conjunto Sancari - xorte das dançarinas IV	Belém	Jpeg
IC01_0057	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Certificado de condecoração - Nazaré do Ó - arq. Pessoal	Belém	Jpeg
IC01_0058 e IC01_0059	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Conjunto Águia Negra - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0060 à IC01_0062	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Grupo parafolclórico Vaiangá - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0063	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Diploma de mérito cultural - Nazaré do Ó - arq. Pessoal	Belém	Jpeg
IC01_0064	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Conjunto Águia Negra - nota de jornal - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0065	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Conjunto Águia Negra II Sr Pedro	Belém	Jpeg
IC01_0066	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - João de Assunção Alves Ribeiro - Conjunto Águia Negra - arq. do grupo	Belém	Jpeg
IC01_0067 e IC01_0068	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - LP do Conjunto Águia Negra	Belém	Jpeg
IC01_0069	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Maria de Nazaré do Ó Ribeiro e João Ribeiro - Conjunto Águia Negra - arq. do grupo III	Belém	Jpeg
IC01_0070	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Maria Nazaré do ó Ribeiro - correspondências	Belém	Jpeg
IC01_0071	Conjuntos Aguia Negra e Vaianga - Maria Nazaré do ó Ribeiro - correspondências - Adelermo Matos	Belém	Jpeg
IC01_0072	Maria de Nazaré Rosa dos Santos - memória do carimbó em Icoaraci - arquivo de Maria de Nazaré Rosa dos Santos - boi-bumbá Resolvido	Belém	Jpeg
IC01_0073	Maria de Nazaré Rosa dos Santos - memória do carimbó em Icoaraci	Belém	Jpeg
IC01_0074	Maria de Nazaré Rosa dos Santos - memória do carimbó em Icoaraci - Maria de Nazaré Rosa dos Santos - Boi-Bumbá Resolvido - Icoaraci	Belém	Jpeg
IC01_0075	Conjunto Paramau - entrevista com Raimundo Canuto das Neves	Belém	Wave
IC01_0076 à IC01_0091	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - LPS Conjunto Os Brasas da Marambaia	Belém	Jpeg
IC01_0092	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Luiz Assunção - Conj Amigos do Carimbo	Belém	Jpeg
IC01_0093 e IC01_0094	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Manoel Silva - Mario Neves - Luiz Assunção	Belém	Jpeg
IC01_0095 e IC01_0096	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Mario Neves - Conj Os Brasas da Marambaia	Belém	Jpeg

IC01_0097	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Mario Neves e Cirene Maciel - sua esposa	Belém	Jpeg
IC01_0098	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Mário Neves e Equipe	Belém	Jpeg
IC01_0099 à IC01_0107	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Instrumentos e equipamento de som	Belém	Jpeg
IC01_0108	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Conjunto Amigos do Carimbo	Belém	Filme
IC01_0109 e IC01_0110	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Conjunto Amigos do Carimbo e Mario Neves	Belém	Filme
IC01_0111 e IC01_0113	Conj. Brasas da Marambaia-Amigos do Carimbo - Entrevista Conjunto Amigos do carimbo	Belém	Wave
IC01_0114	Conjunto Aguia Negra e Vaianga - Entrevista com João Ribeiro e Nazaré do Ó Ribeiro	Belém	Wave
IC01_0115 e IC01_0116	Conjunto Grão-Pará - Hélio de Castro e Pedro dos Santos	Belém	Filme
IC01_0117 e IC01_0118	Conjunto Grão-Pará - Entrevista com Hélio de Castro e Pedro dos Santos	Belém	Wave
IC01_0119	Conjunto Os Baioaras - Entrevista	Belém	
IC01_0120 à IC01_0126	Conjunto Sancari	Belém	Filme
IC01_0127	Conjunto Sancari - instrumentos e troféus	Belém	Jpeg
IC01_0128 e IC01_0129	Conjunto Sancari - troféu	Belém	Jpeg
IC01_0130	Conjunto Sancari - Entrevista	Belém	Wave
IC01_0131	Conjunto Sancari - Lucas Pacheco Bragança - troféus recebidos	Belém	Jpeg
IC01_0132 à IC01_0134	Conjunto Sancari - Lucieth do Socorro Nunes Pantoja - corpo de dança	Belém	Jpeg
IC01_0135	Conjunto Sancari - Maria Neire da Silva Rocha	Belém	Jpeg
IC01_0136 à IC01_0139	Conjunto Sancari - uniforme Conjunto Sancari	Belém	Jpeg
IC01_0140 à IC01_0152	Curica	Belém	Jpeg
IC01_0153	Curica	Belém	Wave
IC01_0154 à IC01_0159	Curica	Belém	Filme
IC01_0160 à IC01_0163	Nazaré Pereira	Belém	Jpeg
IC01_0164	Nazaré Pereira	Belém	Wave
IC01_0165 à IC01_0180	Venâncio	Belém	Jpeg
IC01_0433	Ionete da Gama	Belém	Jpeg
IC01_0468 e IC01_0469	Aurino Pinduca Quirino Gonçalves	Belém	Jpeg
IC01_0470	Aurino Pinduca Quirino Gonçalves	Belém	Wave

IC01_0483	Pantoja do Pará	Belém	Wave
IC01_0484 à IC01_0486	Pantoja do Pará	Belém	Jpeg
IC01_0487 e IC01_0488	Pantoja do Pará	Belém	Filme
IC01_0489 à IC01_0518	Conj Uirapuru - Verequete	Belém	Jpeg
IC01_0519 à IC01_0527	Conj Uirapuru - Verequete	Belém	Filme
IC01_0528 e IC01_0529	Pinduca	Belém	Jpeg
IC01_0530	Pinduca	Belém	Wave

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC02_0434	Ananindeua	Ananindeua	Jpeg
IC02_0471	Luiz Assunção - Conj Amigos do Carimbo	Ananindeua	Jpeg
IC02_0472 e IC02_0473	Manoel Alexandre-Mario Neves-Luiz Assunção	Ananindeua	Jpeg
IC02_0474 à IC02_0482	Instrumentos e equipamento de som	Ananindeua	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC03_0181	Aspectos da cidade	Marituba	Jpeg
IC03_0182	Conj Originais de Marituba	Marituba	Wave
IC03_0183 e IC03_0184	Conj Rouxinol	Marituba	Wave
IC03_0185 à IC03_0190	Conjunto Uirapuru - arq do grupo	Marituba	Jpeg
IC03_0191 e IC03_0192	Domingo N. de Lima	Marituba	Jpeg
IC03_0193 à IC03_0195	Domingo N. de Lima - Conj Rouxinol	Marituba	Jpeg
IC03_0196 e IC03_0435	Marituba	Marituba	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC04_0436 à IC04_0438	Benevides	Benevides	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC05_0197 à IC05_0210	Aspectos da cidade	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0211 à IC05_0215	Conj Estrela do Norte - Aparelhagem Flamenguinho	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0216 à IC05_0218	Conj Estrela do Norte - Casa de Manoel Santtana Machado	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0219 e IC05_0220	Conj Estrela do Norte - Curimbó	Santa Barbara	Jpeg

IC05_0221 à IC05_0224	Conj Estrela do Norte - LP de Pinduca	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0225 à IC05_0228	Conj Estrela do Norte - Manoel S. Machado	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0229	Conj Estrela do Norte - Manoel S. Machado e seu acervo de discos	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0230	Conj Estrela do Norte - Manoel Santana Machado - líder do conjunto	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0231 e IC05_0232	Conj Estrela do Norte - Raimundo Lopes	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0233	Conj Unidos do Paraíso - Casa de Edgar A. de Aguiar	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0234 à IC05_0246	Conj Unidos do Paraíso - Conjunto Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0247	Conj Unidos do Paraíso - Conjunto Unidos do Paraíso - apresentação - jan 2010	Santa Barbara	Filme
IC05_0248 à IC05_0250	Conj Unidos do Paraíso - Curimbó	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0251	Conj Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0252 à IC05_0254	Conj Unidos do Paraíso - Edgar A. de Aguiar - ex-integrante do conj Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0255 à IC05_0256	Conj Unidos do Paraíso - Equipe e Conjunto Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0257 à IC05_0261	Conj Unidos do Paraíso - Ilson e José Maria	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0262 e IC05_0263	Conj Unidos do Paraíso - Ilson F. Cordeiro - organizador do grupo	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0264 e IC05_0265	Conj Unidos do Paraíso - José M. de F. Cordeiro - vocalista do grupo	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0266	Conj Unidos do Paraíso - Manoel S. Machado- ex-integrante do Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0267	Conj Unidos do Paraíso - Salão de festa	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0268	Conj Unidos do Paraíso - Uniforme do Conjunto Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0269	Conj Unidos do Paraíso - José Maria - Conj Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Filme
IC05_0270 e IC05_0271	Conjunto Estrela do Horizonte	Santa Barbara	Wave
IC05_0272 e IC05_0273	Conjunto Unidos do Paraíso	Santa Barbara	Wave
IC05_0274 e IC05_0306	Santa Barbara	Santa Barbara	Jpeg
IC05_0307	Santa Barbara - Igarapé de Santa Bárbara	Santa Barbara	Filme

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC06_0308 à IC06_0311 e IC06_0439	Santa Izabel do Pará	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0312 à IC06_0315	Santa Izabel do Pará_Americano_Colégio Estadual Magalhães Barata	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0316	Santa Izabel do Pará_Americano_Elizabeth Segtowitz	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0317	Santa Izabel do Pará_Americano_Jacobino	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0318 à IC06_0322	Santa Izabel do Pará_Colégio Estadual Lauro Sodré	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0323 à IC06_0325	Santa Izabel do Pará_Grupo Escolar Sílvio Nascimento	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0326	Santa Izabel do Pará_Prefeitura	Santa Izabel	Jpeg
IC06_0327 à IC06_0334	Santa Izabel do Pará_Sítio Moema	Santa Izabel	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC07_0335 e IC07_0336	Sato Antônio do Tauá_Raimundo Nonato	Sto Antônio do Tauá	Jpeg
IC07_0337 à IC07_0341	Sato Antônio do Tauá_Raimundo Nonato	Sto Antônio do Tauá	Filme
IC07_0342 e IC07_0343	Sto Antônio do Tauá_Rosa Hilda_farinhada	Sto Antônio do Tauá	Jpeg
IC07_0440 à IC07_0442	Igreja da Matriz	Sto Antônio do Tauá	Jpeg
IC07_0443 à IC07_0446	Praça da Matriz	Sto Antônio do Tauá	Jpeg
IC07_0447 à IC07_0449	Prefeitura	Sto Antônio do Tauá	Jpeg
IC07_0450 à IC07_0452	Sto Antônio do Tauá	Sto Antônio do Tauá	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC08_0344 à IC08_0369	Aspectos da cidade	Bujarú	Jpeg
IC08_0370 à	Conjunto Canto do Guará - Bruno dos Santos Batista	Bujarú	Jpeg

IC08_0373			
IC08_0374	Conjunto Canto do Guará - José A. P. de Holanda e equipe	Bujarú	Jpeg
IC08_0375	Conjunto Canto do Guará - José A. P. de Holanda	Bujarú	Jpeg
IC08_0376 e IC08_0377	Conjunto Canto do Guará	Bujarú	Wave

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC09_0378  IC09_0393	Aspectos da cidade	Inhangapi	Jpeg
IC09_0394	Secretaria de Cultura - Cartaz do Festival do Açaí	Inhangapi	Jpeg
IC09_0395	Secretaria de Cultura - Claudio Monteiro - diretor de cultura	Inhangapi	Jpeg
IC09_0396  IC09_0398	Secretaria de Cultura	Inhangapi	Jpeg
IC09_0399  IC09_0401	Secretaria de Cultura - Instrumentos do Conj. Ribeirinhos	Inhangapi	Jpeg
IC09_0402	Conj Ribeirinhos	Inhangapi	Wave

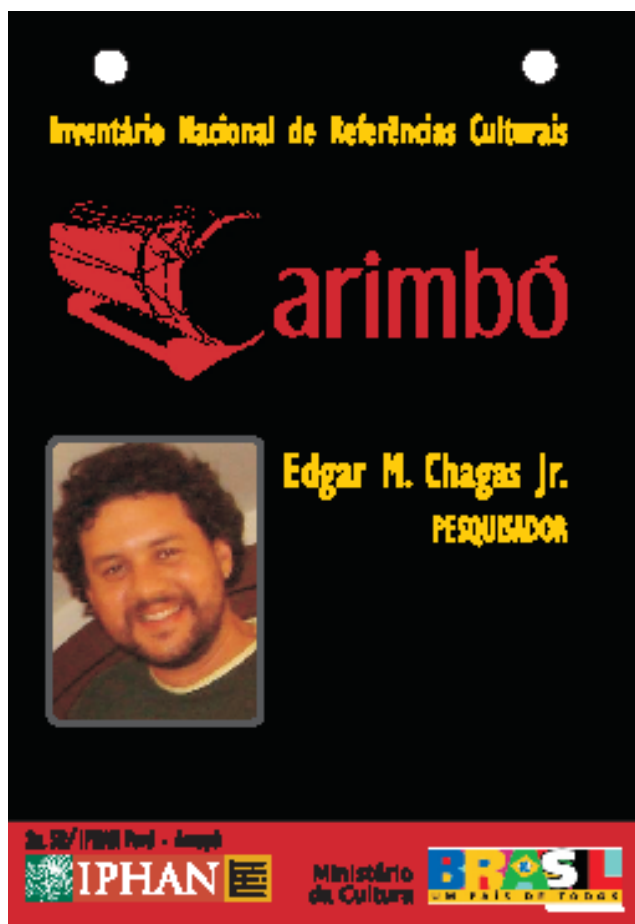
Numeração	Descrição	Município	Formato
IC10_0403	Aspectos da cidade - Centro comercial	Castanhal	Jpeg
IC10_0404	Conjunto Modelo - Boi-bumba	Castanhal	Jpeg
IC10_0405  IC10_0407	Conjunto Modelo	Castanhal	Jpeg
IC10_0408	Conjunto Modelo - José D. Lima	Castanhal	Jpeg
IC10_0409  IC10_0412	Conjunto Modelo - Uniforme do conjunto	Castanhal	Jpeg
IC10_0413 e IC10_0414	Conjunto Modelo - Zeca Lima	Castanhal	Jpeg
IC10_0415	Conjunto Modelo	Castanhal	Wave
IC10_0453  IC10_0464	Castanhal	Castanhal	Jpeg

Numeração	Descrição	Município	Formato
IC11_0416	Aspectos da cidade - Câmara Municipal	Barcarena	Jpeg
IC11_0417	Aspectos da cidade - Centro de Exposição Cultural	Barcarena	Jpeg
IC11_0418	Aspectos da cidade - Equipe	Barcarena	Jpeg
IC11_0419	Aspectos da cidade - Estágio	Barcarena	Jpeg
IC11_0420	Aspectos da cidade - Feira	Barcarena	Jpeg
IC11_0421	Aspectos da cidade - Feira na orla	Barcarena	Jpeg
IC11_0422	Aspectos da cidade - Igreja de Barcarena	Barcarena	Jpeg
IC11_0423	Aspectos da cidade - Mercado Central	Barcarena	Jpeg
IC11_0424  IC11_0427	Aspectos da cidade - Orla da cidade	Barcarena	Jpeg
IC11_0428	Aspectos da cidade - Placas de indicação das praias	Barcarena	Jpeg
IC11_0429	Aspectos da cidade - Praça	Barcarena	Jpeg

IC11_0430	Aspectos da cidade - Prefeitura de Barcarena	Barcarena	Jpeg
IC11_0431	Entrevista Beto Tavares	Barcarena	Wave
IC11_0432	Entrevista Joaquim Vieira	Barcarena	Wave
IC11_0433	Companhia de Dança Gibirié - premiações do grupo	Barcarena	Jpeg
IC11_0434 e IC11_0435	Companhia de Dança Gibirié - Roberto Tavares	Barcarena	Jpeg
IC11_0436 e IC11_0437	Companhia de Dança Gibirié - Sede do grupo	Barcarena	Jpeg
IC11_0438 à IC11_0444	Companhia de Dança Gibirié - Discos do Repertorio do grupo	Barcarena	Jpeg
IC11_0445 à IC11_0449	Companhia de Dança Gibirié - Fotografias do arq do grupo	Barcarena	Jpeg
IC11_0450	Casa de Joaquim de Lima Vieira	Barcarena	Jpeg
IC11_0451 à IC11_0453	Joaquim de Lima Vieira	Barcarena	Jpeg
IC11_0454	Vieira e Equipe	Barcarena	Jpeg
IC11_0455 à IC11_0467	LP de Vieira e seu Conjunto	Barcarena	Jpeg

ANEXO III – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Crachá



Camisetas

**FRENTE****COSTAS**

INRC
INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO CARIMBÓ
MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

IPHAN
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO PARÁ

Av. Governador José Malcher, 563 – Nazaré

Belém 66,035-1000 Pará

Tel: (91) 3224-0699 / Fax (91) 3224-1825

e-mail: 2sr@iphan.gov.br

www.iphan.gov.br